

aiba

02
ano 1
2º trimestre, 2015



RURAL

A revista do agronegócio da Bahia

PROGRAMA
FITOSSANITÁRIO
DA BAHIA

DESAFIOS e experiências

PROGRAMA PIONEIRO NO BRASIL COMPLETA DOIS ANOS
COM REDUÇÃO DE ÍNDICE DE INFESTAÇÃO NA LAVOURA E
ALTERNATIVAS PARA O MANEJO E CONTROLE DE PRAGAS

Há 25 anos a Aiba
trabalha pelo
desenvolvimento do
agronegócio do Oeste
da Bahia.

Com ações concretas e
efetivas, a Aiba inseriu o Oeste
da Bahia entre os maiores
produtores de grãos e fibras
do país.

A Aiba representa 1.300
agricultores que acreditam no
poder transformador da união.



**O MELHOR LUGAR PARA FAZER
BONS NEGÓCIOS É AQUI**



BAHIA FARM SHOW
02 A 06 DE JUNHO DE 2015

- Melhor vitrine do agronegócio nacional
- Todas as novidades tecnológicas do mercado
- Máquinas, implementos, insumos e serviços
- Maiores fornecedores do Brasil
- Mais de R\$1 bilhão em volume de negócios

Realização:
aiba

Apoio:



Patrocínio:



77 3613.8000
www.bahiafarmshow.com.br

O grande Oeste



O assunto de capa desta edição é uma das maiores realizações e exemplo de mobilização dos produtores do Oeste da Bahia, desde a década de 1980, quando a agricultura teve seu início de fato. O Programa Fitossanitário da Bahia, pioneiro no Brasil, tem ensinado novas formas de lidar com a agricultura e Manejo Integrado de Pragas (MIP). A experiência agrícola

no cerrado, adquirida ao longo dos anos, tem tornado os produtores mais preparados tecnicamente para situações adversas que se apresentam ao setor e tomando-os conscientes e motivados a aderir às novas ferramentas de monitoramento e manejo das lavouras. Isso é fundamental para o sucesso do Programa e, no mínimo, torna a região mais preparada para lidar principalmente com o Bicudo, a helicoverpa e a mosca branca, pragas que causaram estragos na agricultura do Oeste.

Esse programa, sem dúvida alguma, tem seu reflexo sobre a produtividade, outro assunto desta edição. De acordo com o Conselho Técnico da Aiba, em seu último levantamento, a Safra 2014/15 deverá superar a anterior em 17%. Apesar do aumento significativo, ele não traduz efetivamente o crescimento já observado na região para suas três principais culturas.

A produção do Algodão, por conta da redução na área, mesmo com o esperado superior à safra anterior, deverá ofertar -4,8%. O milho deverá ter sua produção recuada em 23%. Em compensação, a soja apresentou um incremento de 26% com rendimento total de 4,2 milhões de toneladas por conta do crescimento da área e um leve aumento da produtividade em relação à safra anterior.

Essas situações na agricultura são naturais. O clima, aqui, é consolidado. Mas, não significa que não ocorram fenômenos atemporais, como a estiagem entre janeiro e início de fevereiro, como também essas chuvas que aconteceram fora de hora e prejudicaram um pouco o algodão.

Isso, naturalmente reduz o desempenho produtivo. No entanto, o produtor rural da Bahia está muito preparado para minimizar as perdas quando da incidência do “acaso”, e, ainda bem! É um incorrigível otimista.

O produtor acredita e aposta no Oeste. Reconhece seus problemas de logística, suas deficiências de infraestrutura, mas não para de investir. A Bahia Farm Show é um sucesso ano após ano. Isso mostra o potencial de nossa região. Agora, então, com a criação do Plano de Desenvolvimento Agropecuário do Matopiba, desenvolvido pela Embrapa e apresentado recentemente pela ministra Katia Abreu, em Luis Eduardo Magalhães, podemos fortalecer ainda mais esta fronteira agrícola.

JÚLIO BUSATO

Produtor e presidente da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba)

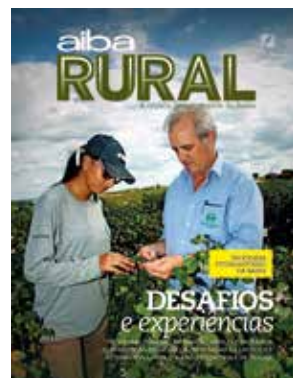


Foto da capa Manuela Cavadas

aiba RURAL

02 - ano I - 2º trimestre, 2015

Aiba Rural é uma publicação trimestral da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia.

Avenida Ahyllon Macêdo, 919
Tel.: (77) 3613.8000
Morada Nobre - Barreiras (BA)

DIRETOR RESPONSÁVEL

Errani Edvino Sabai

CONSELHO EDITORIAL

Alessandra Chaves, Errani Sabai, Helmuth Kieckhöfer, Ivair Maia, José Cisino Lopes, Rassana Milcent e Thiago Fimenta

EDITOR EXECUTIVO

Cícero Félix

PRODUÇÃO E PROJETO GRÁFICO

Ouza Editora Ltda.

IMPRESSÃO

Gráfica Coronário

TIRAGEM

3000 exemplares



PRESIDENTE: Júlio César Busato

1º VICE-PRESIDENTE: Isabel da Cunha

2º VICE-PRESIDENTE: Odaci Ranzi

DIRETOR ADMINISTRATIVO: Moisés Almeida Schmidt

VICE-DIRETOR ADMINISTRATIVO: Franklin Akira Higaki

DIRETOR FINANCEIRO: Ildo João Rambo

VICE-DIRETOR FINANCEIRO: David M. A. Schmidt

CONSELHO FISCAL TITULARES

Luiz Carlos Berlatto

João Antônio Gorgen

João Carlos R. Jacobsen Filho

CONSELHO FISCAL SUPLENTE

Adilson Heidi Sujuki

Luiz Pradella

Fabrizio Rosso Pacheco

CONSELHO TÉCNICO

Antônio Grespan

José Cláudio de Oliveira

Orestes Mandelli

Paulo Gouveia

Raimundo Santos

Raphael Gregolin Abe

Landino José Dukevics

CONSELHO CONSULTIVO

Humberto Santa Cruz Filho

João Carlos Jacobsen Rodrigues

Walter Yúlio Horita

CONSELHEIROS CONVIDADOS

Celestino Zanella

Marcelino Flores

Luís Carlos Bergamaschi

Paulo Mizote

Osvino Fábio Ricardi

Douglas Alexandre Radoll



Ouza Editora

Barreiras (BA) - Tel.: (77) 3613.2118

ÍNDICE



ENTREVISTA

Paulo Mizote

10 ANÁLISE

Fernando Gomes da Morra: O bom cenário do Oeste baiano

12 SAFRA 2014/15

Otimismo, apesar dos veranicos e chuvas tardias

15 FERTILIZAÇÃO

Álvaro V. de Resende: Calcário é decisivo para altas produtividades

16 LEGISLAÇÃO

Geórgia Alencar: A responsabilidade socioambiental no crédito

17 INVESTIMENTO

Venda de máquinas agrícolas recua

18 ALIMENTOS

Helmuth Kieckhöfer: O crescimento da população mundial e a agricultura

20 FRONTEIRA

Matopiba, uma região que já nasce grande

22 ALIMENTOS

Marlo E. Friedrich e Fabiano Andrei B. da Cruz: Fontes e doses de manganês na cultura da soja

25 NEGÓCIOS

Café da região atrai mercado internacional

27 TECNOLOGIA

Sistema vai controlar comércio e uso de agrotóxico

28 CAPA

Dois anos de conquistas e aprendizados

32 SOLO

Ivan Cardoso e Luiz Pradella: Plantio direto: alternativa inteligente

34 PROFISSIONALIZAÇÃO

Jovens para a agricultura

37 GENÉTICA

Sementes com maior potencial produtivo

38 REGIÃO

Cisino Lopes: Entender o presente para garantir o futuro

41 SOJA

Oeste, uma região de origem sustentável

42 FUNDEAGRO

Governo impulsiona cultura da pluma

44 FEIJÃO

Flávia Rabela e Eliane Quintela: Manejo integrado

Sustentabilidade no CAMPO



**Há 15 anos
no Oeste da Bahia
desenvolvendo soluções
de manejo Químico,
Físico e Biológico.**

www.jcofertilizantes

DIVULGAÇÃO



Júlio Busato recebe título de Cidadão Baiano na Alba

O engenheiro agrônomo e produtor rural Júlio Cezar Busato (E) recebeu, no dia 25 de maio, título de Cidadão Baiano na Assembleia Legislativa da Bahia (Alba). A proposta do então deputado Herbert Barbosa foi aprovada por unanimidade em setembro de 2013. O título é um reconhecimento ao trabalho desenvolvido por Busato no agronegócio baiano desde sua chegada na região, no final da década de 1980. Ao longo dos anos, o produtor também se dedicou às questões institucionais e seu perfil de liderança o levou à presidência da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba). “A força e a determinação de homens como Busato, fez com que o Oeste prosperasse de maneira contínua, gerando emprego, renda e bem estar social. Portanto, pelos relevantes serviços prestados ao Estado e ao nosso povo, é justo que seja concedida essa merecida honraria”, justificou Barbosa. A entrega do título foi feita pelo deputado Eduardo Salles, que destacou os esforços de Busato para unir forças em prol de ações coletivas. “A homenagem se faz justa porque Júlio, desde o início de sua história na Bahia contribuiu para o desenvolvimento econômico, político e social da região e do Estado”, comentou Salles (D).

Cadastro Ambiental Rural é prorrogado

Atendendo a pedidos de entidades do setor produtivo e rural, o governo federal publicou no Diário Oficial da União (DOU) do dia 30 de abril, o Decreto de nº 8.439, que sinaliza para a prorrogação do Cadastro Ambiental Rural (CAR). A medida foi necessária pelas constatações de atrasos e dificuldades no registro de dados em muitas regiões produtoras, notadamente nas regiões Nordeste e Norte. Ao realizar o CAR, o produtor rural consegue identificar a reserva legal, as áreas de uso restrito e as áreas consolidadas das propriedades e posses rurais. Produtores que não se cadastrarem poderão ficar impedidos de obter crédito agrícola e ter as atividades embargadas. Técnicos do Ministério do Meio Ambiente (MMA) estudam como se dará a prorrogação.

Resolução do Seguro Rural entra em vigor em julho

Foi publicada no Diário Oficial da União (DOU), do dia 14 de maio, a resolução 34 o sobre o nível de cobertura mínima das apólices de seguro rural comercializadas no âmbito do Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR). A medida define que o nível mínimo de cobertura será de 60% para as apólices de seguro agrícola do tipo multirrisco e se aplica somente para culturas de grãos contratadas a partir da safra 2015/2016 em todo o território nacional. O valor percentual da subvenção será calculado por meio da divisão da produtividade segura estimada de cada lavoura. A medida passa a vigorar a partir de 1º de julho deste ano, quando se iniciam os preparativos para os plantios das lavouras.

Lei da Terceirização gera divergência no agronegócio

O Projeto de Lei 4.330 que regula e amplia a terceirização no país tem sido alvo de muita polêmica em todos os setores da economia brasileira. Entidades representativas de setores do agronegócio - Associação Brasileira do Agronegócio (Abag), Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul (Famasul), União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) e o Fórum Nacional Sucroenergético - se manifestaram a favor da lei. Elas defendem que o agronegócio se beneficiaria com a eficiência, competitividade, produtividade e redução de

custos na produção. Por outro lado, a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) se opõe ao projeto, temendo a precarização do trabalho no campo. Embora a Lei seja de certa forma favorável ao agronegócio, ainda é necessário ampliar as discussões para que todos os setores se beneficiem com o aumento da produção de qualidade sem desvalorizar o trabalhador.



MARCELLO CASALJ/ABR

CRÉDITO RURAL CAIXA.

AO LADO DO PRODUTOR RURAL,
DO PLANTIO À COMERCIALIZAÇÃO.



Os produtores rurais contam com a força da CAIXA ao seu lado, em todas as fases de produção. Com o Crédito Rural, eles podem comprar insumos, equipamentos e aumentar a produtividade do seu agronegócio. As linhas de crédito que a CAIXA oferece – Custeio, Investimento e Comercialização – têm as melhores soluções para produtores rurais e também para cooperativas.

Acesse www.creditoruralcaixa.com.br e encontre as agências da CAIXA que disponibilizam o Crédito Rural.

Crédito sujeito a análise.

CAIXA
A vida pede mais que um banco

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

SAC CAIXA – 0800 726 0101
(informações, reclamações, sugestões e elogios)
Para pessoas com deficiência auditiva
ou de fala – 0800 726 2492
Ouvidoria – 0800 725 7474
caixa.gov.br | facebook.com/caixa

Produzir mais com menos custo é o desafio

por **C.FÉLIX**

A pesar de ter se formado em engenharia mecânica, o futuro de Paulo Massayoshi Mizote era na agricultura. Desde garoto acompanhou sua família na atividade agrícola, no norte do Paraná. Em 1984 decidiu mudar para o Oeste da Bahia e constituiu ao longo dos anos um dos grupos agrícolas mais fortes da região. “Naquele tempo foi uma aposta”, lembra, quase sem acreditar que hoje, graças a diversas tecnologias, seus produtos são bastante competitivos no mercado mundial. Mas as pragas, doenças e os altos custos da produção ainda tiram a tranquilidade do produtor.

O senhor está no Oeste da Bahia há mais de 30 anos. O que presenciou de mais significativo na agricultura?

Quando cheguei à região em 1984 os sulistas já tinham iniciado a atividade agrícola. Era tudo bastante incipiente, com poucas áreas manejadas nos Gerais. Naquele tempo, a agricultura era uma aposta. Com o passar dos anos, a evolução das máquinas e da tecnologia agrônômica consolidou a região como grande produtora de grãos e fibras. E ainda tem muito potencial. Somos bastante competitivos, estamos inseridos no mercado mundial com o aumento da produtividade, fortalecido pelas pesquisas da Embrapa, da iniciativa privada e dos próprios produtores. Foram desenvolvidas novas técnicas e tecnologias adaptadas para a região como, sementes, insumos, fertilização do solo e a consolidação de práticas agrônômicas acadêmicas. Por estarmos numa região de clima tropical, que é propício para a proliferação de doenças e pragas, agora em momento de queda

dos preços das commodities agrícolas, precisamos ser criativos para baixarmos o custo de produção sem baixar a produtividade.

Como combater essas pragas e doenças?

Uma das formas vitais para a produção, geração de riqueza e sustentabilidade agropecuária é promover maior integração entre o conhecimento científico de centros de pesquisas e produção científica de universidades com a prática dos produtores rurais e comunidade local. O Brasil desponta na agricultura e na pesquisa agrícola em ambiente tropical. Está na vanguarda, mas ainda aquém da necessidade do produtor. É estratégico que o desenvolvimento tecnológico dos defensivos biológicos, aliado ao Manejo Integrado seja desenvolvido



C.FÉLIX

PAULO MIZOTE

Descendente de família de imigrantes japoneses tradicionais na agricultura, Paulo só vinha a se encontrar na área depois de concluir o curso de engenharia mecânica pela USP de São Carlos. Ainda trabalhou em siderúrgica, mas sua vocação era para a atividade agrícola. Foi quando, em 1984, com o apoio da família, comprou uma fazenda no Oeste baiano. Hoje é um dos maiores produtores da região

“É difícil desenvolver a atividade com uma legislação trabalhista generalizada. Precisamos, sim, ter uma lei específica que atenda à realidade da atividade do campo”

na nossa região, para o combate às pragas e doenças. Às vezes existem até plantas que podem ser armadilhas e animais que são predadores naturais e a gente não sabe. E inimigos naturais vão encontrar ambientes mais propícios para se desenvolverem com o uso de produtos biológicos, assim diminuindo, a pressão de pragas sobre as culturas e uso de defensivos químicos, portanto reduzindo os custos de produção. É preciso atrelar o conhecimento científico ao conhecimento popular.

Elogia-se muito o modelo de gestão de recursos humanos adotado pelo Grupo Mizote em suas fazendas. Oferecer qualidade de vida no trabalho significa necessariamente maior rendimento na produção?

O Grupo Mizote entende que o trabalhador satisfeito produz muito mais. Integra a nossa política oferecer todas as garantias para que os nossos profissionais executem com a máxima qualidade e nas melhores condições o seu trabalho. Oferecemos o melhor para o colaborador no campo com alimentação, alojamento e EPI's. Também nos preocupamos muito em capacitá-lo e remunerá-lo a altura, para que sua qualidade de vida possa ser estendida à sua família! A tecnologia envolvida na produção requer pessoal treinado e capacitado para tirar o máximo do potencial das máquinas, das técnicas agrônômicas e dos insumos - defensivos e fertilizantes. Nosso colaborador é o capital mais importante da nossa fazenda.

A produtividade do pessoal aumentou depois que o grupo começou a compartilhar a participação nos lucros?

À medida que foi oferecida essa oportunidade aos colaboradores, houve uma evolução significativa da produtividade. O rendimento e satisfação do pessoal operacional com o trabalho no campo melhoraram e, conseqüentemente, a produtividade das culturas da soja, algodão e milho também. Observamos maior zelo pelas coisas que envolvem a atividade agrícola no Grupo.

A legislação brasileira é muito rigorosa com o produtor rural? Como o senhor analisa essa proposta da ministra da Agricultura de criar uma “lei agrícola” para consolidar os programas de política do setor em uma única legislação?

A atividade agrícola tem muita particularidade. É bem distante do comércio e da indústria. O comércio e a indústria trabalham protegidos, embaixo de um telhado. A nossa atividade é aberta, depende das condições climáticas e estamos sempre expostos às intempéries da natureza, por exemplo. Temos períodos do plantio e colheita curtos com regimes de trabalhos específicos à atividade. É difícil desenvolver a atividade com uma legislação trabalhista generalizada. Precisamos, sim, ter uma lei específica que atenda à realidade da atividade do campo. A lei trabalhista é muito rigorosa no Brasil. Em países que também são nossos concorrentes, como os Estados Unidos, encontra-se mais flexibilidade na aplicação da lei. Perdemos competitividade em razão do emaranhado de exigências. A ideia não é tirar os direitos trabalhistas, mas trazer uma flexibilidade adaptada à realidade do trabalho exigido pela produção agrícola. Acredito na flexibilização da lei que atenda às especificidades da atividade agrícola e que venha a atender as particularidades do setor. E isto, deve ser construído numa via de mão dupla, com o diálogo entre o empregado e empregador, pautados na realidade da atividade agropecuária.

A prática conservacionista do plantio direto é a melhor alternativa para manter o solo continuamente produtivo? Quais as vantagens dessa prática?

O plantio direto é voltado para a conservação dos recursos naturais, como solo e água, e beneficia diretamente o produtor. Com a técnica, não tem erosão laminar e o conseqüente escoamento superficial da água que leva solo e todo investimento empregado para seu fortalecimento. Também protege contra o vento, que não leva o solo e nem levanta poeira. A própria planta, quando está plantada em cima de uma palhada sofre menos com a temperatura do solo e permite que resista mais ao período de seca, pois dificulta a evaporação da água. É uma tecnologia da agricultura tropical que trouxe satisfatórios resultados para o produtor e o meio ambiente. Essa tecnologia brasileira se encaixou às nossas condições climáticas de chuva intensa e em um curto período.

Essa safra vai trazer tranquilidade ao produtor rural?

Tivemos em janeiro um veranico que atrapalhou o desenvolvimento da soja e milho. Em abril foi muito chuvoso e tivemos uma queda na produtividade em algumas microrregiões. A média da produtividade regional, no entanto, vai estar dentro da normalidade. O que preocupa é a elevação dos custos atrelados ao aumento do dólar. Outro grande desafio é reduzir os custos de produção; temos que usar os recursos com mais inteligência. Devemos fazer um bom controle de pragas e doenças, aplicar a tecnologia de nutrição das plantas com agricultura de precisão, além de buscar material genético com alta produtividade. Nestes últimos anos focamos no aumento da produtividade por hectare e negligenciamos os nossos custos, até porque os preços das commodities passaram por uma fase de altos preços que cobria essa expansão de custos e despesas. ✱

O bom cenário do Oeste baiano



por **FERNANDO GOMES DA MOTTA**

É economista e mestre em teoria econômica pela Universidade Federal Fluminense (RJ). É gerente de fibras e produtos especiais e regionais na Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

A extensão produtiva da região do Oeste baiano ostenta posição de destaque no cenário agrícola brasileiro. Ao longo dos últimos dez anos, a região aumentou fartamente sua participação no panorama agrário como uma das basilares produtoras e exportadoras de commodities como algodão, soja, milho e tantas outras, o que trouxe acentuado crescimento econômico e demográfico ao Estado da Bahia.

O empenho dos produtores em aprimorar técnicas produtivas e pesquisar novas tecnologias demonstra que o potencial da região não se limitou aos aspectos geográficos e ambientais, mas ressaltou a característica empreendedora dos agricultores ali instalados. O grande desafio de impulsionar a produtividade das lavouras e enfrentar as diferenças climáticas de uma nova região de Cerrado e Semiárido não foi capaz de frear o desenvolvimento do agronegócio no Oeste da Bahia, ao contrário, permitiu um vigoroso crescimento da atividade agrícola brasileira, posto o grande investimento realizado em pesquisas e desenvolvimento na última década para fomentar a agricultura naquele local.

Dito isso, chama atenção a taxa positiva de crescimento da produtividade e produção das mais diversas culturas naquela região. Neste panorama, destaca-se a produção baiana de algodão herbáceo, caracterizado por exigir grandes recursos financeiros, além da adoção de máquinas com alta tecnologia agregada. Nos últimos quinze anos, o aumento médio anual de 4,5% da produtividade na Bahia permitiu que o Oeste baiano produzisse cerca de 480 mil toneladas de pluma em 2014, montante que representou 30% da produção nacional daquele ano. Cabe destacar que no ano 2000 esse percentual era de apenas 7%.

Quando se avalia a produção total de grãos, nota-se que a produtividade teve um crescimento médio anual de 5% no

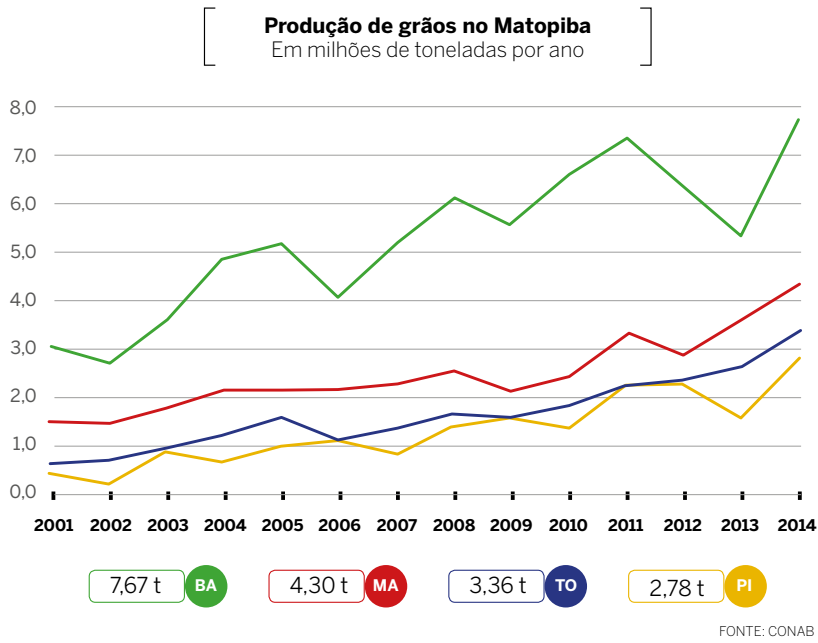


ASCOM/AIBA

EXPANSÃO

Nos últimos 15 anos, o aumento médio anual de 4,5% da produtividade na Bahia permitiu que a região produzisse cerca de 480 mil toneladas de pluma em 2014, montante que representou 30% da produção nacional daquele ano - em 2000, esse percentual era de apenas 7%

“O empenho dos produtores em aprimorar técnicas produtivas e pesquisar novas tecnologias demonstra que o potencial da região não se limitou aos aspectos geográficos e ambientais”



mesmo período, fato que possibilitou a produção recorde de 7,6 milhões de toneladas em 2014, na Bahia. Diante desses números surpreendentes, é inegável que o agronegócio instalado do Oeste baiano segue a cada ano-safra fomentando o crescimento econômico, além de garantir os níveis de emprego da região.

Cabe ressaltar, ainda, que o Oeste da Bahia integra um dos mais promissores vetores do crescimento da economia agrícola brasileira: o Matopiba. Nesse contexto é imperioso observar que esse ponto de expansão agrícola localizado entre o Nordeste e o Norte do País apresenta características geográficas, naturais e sociais de grande relevância para o Brasil e para o mundo. O desenvolvimento socioeconômico do Matopiba contribuirá com o fim das mazelas sociais do Nordeste e do Norte brasileiro via externalidades positivas trazidas pela promoção da competitividade das diversas cadeias produtivas, além de trazer mais alimentos ao restante do Brasil e do mundo.

Dito isso, cabe aqui destacar o fundamental papel da Companhia Nacional de Abastecimento em garantir a manutenção da atividade agrícola nos momentos em que as assimetrias do mercado tornam proibitivo o pleno funcionamento da cadeia produtiva dos mais diversos seguimentos agrícolas e industriais. Nesse sentido, em 2014 a região Oeste da Bahia e demais estados integrantes do Matopiba foram imensamente beneficiados pelos programas de apoio à comercialização que integram o Programa de Garantia de Preços Mínimos (PGPM), em especial aos cotonicultores, pois, em período recente, a Conab executou, via leilões de Prêmio Equalizador Pago ao Produtor (Pepro), grande ajuda

aos produtores de algodão das principais unidades federativas.

Isso posto, é necessário relembrar que em 2013 o mercado mundial de algodão foi fortemente abalado pela grande disponibilidade mundial do produto. Naquele ano o estoque mundial de passagem era de aproximadamente 19,4 milhões de toneladas volume próximo de 74% da previsão de consumo para o ano seguinte. Além disso, fatores macroeconômicos e geopolíticos também exerceram forte influência na queda dos preços, visto que é estimado que cerca de 60% deste estoque permanecia no maior mercado consumidor: a China.

Diante desse cenário, as cotações internacionais seguiram em forte trajetória de queda de modo que não demorou muito tempo para que os preços domésticos do algodão em pluma seguissem a mesma direção de baixa.

Em consequência desse fato, já em setembro de 2014 as cotações médias da pluma nos estados produtores já estavam abaixo do preço mínimo de R\$ 54,90 estabelecido pelo governo federal desde abril de 2014.

Assim, o governo brasileiro, compromissado em garantir a continuidade da atividade econômica agrícola, destinou um montante de recursos financeiros da ordem de R\$ 243,6 milhões para escoar um volume de aproximadamente 952,6 mil toneladas de algodão em pluma em todo o território nacional. Quando se observa in loco o Oeste baiano, nota-se que foram destinados R\$ 57,6 milhões para fomentar a comercialização de 216,7 mil toneladas para aquela região. Se a análise for expandida para todos os integrantes do Matopiba a cifra passa a ser de R\$ 248 milhões para apoiar a comercialização de aproximadamente 66,2 mil toneladas.

Diante de tudo o que foi apresentado, a Conab, ao atuar como empresa pública preocupada com o progresso da agricultura e do abastecimento do país e responsável pela execução dos programas da PGPM, percebe que o crescimento da economia agrícola no Oeste baiano e demais unidades da federação integrantes do Matopiba representa uma reviravolta sobre indicadores que antes revelavam uma região carente, que demandava alimentos, infraestrutura e desenvolvimento social. Desse modo, destacamos as esperanças características de uma região que prenuncia mudar o rumo da agricultura brasileira com seus resultados bem sucedidos e reafirmamos o compromisso da Companhia em atender aos anseios dos agricultores brasileiros. ✱

Otimismo, apesar dos veranicos e chuvas tardias

CLIMA REDUZIU DESEMPENHO DE ALGUMAS CULTURAS, MAS A EXPECTATIVA É QUE ESTA SAFRA SUPERE A ANTERIOR EM 17%, COM UM INCREMENTO DE 8,4 TONELADAS SÓ DE SOJA

por MIRIAM HERMES

Com estimativa de colher 8,4 milhões de toneladas nos 2,4 milhões de hectares (ha) cultivados nesta safra, os empreendimentos rurais do cerrado baiano estão em plena atividade de colheita e pós-colheita com a perspectiva inicial de superar em 17% a produção da safra passada.

O clima, com veranico em janeiro e chuvas tardias em abril e início de maio, reduziu a possibilidade de um melhor desempenho das culturas de soja e milho. Ao ocupar 60% das áreas plantadas nesta safra, a soja teve um incremento na área de 8,4% em comparação com a safra anterior, passando de 1,3 milhão de hectares para 1,42 milhão de ha, tendo como motivação principalmente, os preços da commodity que estavam atrativos no período do planejamento desta safra, em julho de 2014, com valor em torno de U\$ 25 a saca de 60kg.

Também influenciaram na tomada de decisão de plantio da soja as previsões de preços baixos para o algodão e o milho, duas culturas que estão com estoques mundiais recuperados. Com o aumento da área com soja na região, também a produção deverá crescer, passando de 3,2 milhões de toneladas para 4,2 milhões de toneladas da leguminosa, que é o carro chefe da produção regional.

“Nossa expectativa de produção em janeiro não era nada boa por causa da estiagem. Mas quando as chuvas voltaram, as plantas se recuperaram bem, o que foi uma surpresa”, afirmou o segundo vice presidente da Aiba, Odacil Ranzi, ressaltando que a média de produtividade, que ano passado ficou em torno de 42 sacas (sc) por ha, está em torno de 50 sc/ha. Ele enfatizou que com a queda dos preços praticados na Bolsa de Valores de Chicago, (referência mundial na cotação dos preços das commodities), o cenário para os produtores de soja ficou crítico nos últimos meses, com preço da saca chegando a U\$ 19,70.

No entanto, a desvalorização do Real frente ao Dólar, que no início desta safra estava em R\$ 2,30 e passou para R\$ 3,20, facilita as exportações, conforme Ranzi. Ele acrescentou que essa equação do câmbio está favorecendo a classe produtora, “porque o mercado externo leva mais o produto brasileiro e compensa as perdas com a queda da cotação”.

PLUMA AMEAÇADA

O algodão, commodity que tem a segunda maior área plantada no cerrado baiano, foi semeada em 290 mil ha nesta safra. A queda de área foi de 5,8% em relação aos 308 mil ha plantados com a cultura no período agrícola de 2013/2014.

Apesar da redução de área, a Bahia ainda deve ser o segundo maior produtor da pluma no Brasil, responsável por 26% da produção nacional, prevendo colher cerca de 1,2 milhões de toneladas no Estado. A estimativa inicial do grupo técnico que acompanha a produção regional, é de uma produtividade média de 270 arrobas (@) por ha. Na safra passada esta média foi de 269@/ha no Estado.

Entretanto, a produtividade ainda pode sofrer alterações em consequência das chuvas que tem caído na região em abril e início de maio. “Os maiores capulhos (cápsulas onde a fibra se forma) ficam na parte mais baixa da planta, justamente as mais prejudicadas com as chuvas”, conforme o produtor Odacil Ranzi.

Sem mensurar o volume de perdas, o conselheiro técnico da Aiba e engenheiro agrônomo José Cláudio de Oliveira, afirmou que “é certo que não teremos mais a supersafra de algodão que estávamos prevendo nas primeiras estimativas desta safra”. Ele explicou que depois que os capulhos ficam podres, a planta não se recupera totalmente.

De acordo ainda com engenheiro e também conselheiro da Aiba Paulo Gouveia, em alguns lugares isolados, as perdas com o apodrecimento de capulhos já chega a 60@/ha, o que compromete a rentabilidade do empreendimento. Sobre os preços baixos da fibra do algodão ele asseverou que não devem melhorar a curto prazo “porque, com o preço do barril de petróleo em

torno de U\$ 100, o tecido da fibra sintética se torna mais barato, reduzindo a procura pelo tecido de algodão”.

ROTAÇÃO COMPROMETIDA

Das três principais culturas do cerrado da Bahia, o milho, plantado em 222 mil ha nesta safra, é o que mais deve sofrer com o ataque de pragas e com as variações climáticas desfavoráveis de veranico em janeiro e chuvas em abril.

Com área reduzida em 16,9% em comparação com a safra 14/15, a estiagem afetou a fase do pendoamento (período crítico da planta em que surgem as espigas) quando a falta de água compromete a formação e desenvolvimento dos grãos, de acordo com o engenheiro agrônomo Paulo Gouveia.

Ele explicou que com o ataque de lagartas, as espigas que já estavam debilitadas com o veranico, ficaram com as palhas externas abertas. Nas fazendas onde as chuvas caíram em demasia em abril, por causa das palhas abertas, os grãos de milho ficaram molhados por dias, “o que vai comprometer sua qualidade e desfavorecer o produtor na hora da venda”, afirmou Gouveia.

Havia uma estimativa inicial de colher 2,2 milhões de toneladas do cereal nesta safra, com produtividade média de 145 sc/ha em áreas de sequeiro e 170 sc/ha na lavoura irrigada, “essa média já foi afetada, podendo chegar a 120 sc/ha e 130 sc/ha”, ponderou o conselheiro da Aiba.

Conforme Gouveia, alguns milhocultores “que vêm de três safras seguidas em que a lavoura não rendeu o esperado, já cogitam abandonar a cultura, embora ela seja muito importante para a rotação de culturas, método recomendado pelas boas práticas agrícolas”.*

Resumo da matriz agrícola do cerrado baiano por cultura de sequeiro e irrigado
4º LEVANTAMENTO DE SAFRA 2014/15

CULTURAS	SAFRA 2013/14				ESTIMATIVA SAFRA 2014/15				VARIAÇÕES (%) 3º LVTO SAFRA 2013/14		
	ÁREA	PRODUT.	PRODUÇÃO (t)	VBP (milhões R\$)	ÁREA	PRODUT.	PRODUÇÃO (t)	VBP (milhões R\$)	ÁREA	PROD.	VBP
Soja (sc)	1.310.000,0	42,2	3.333.768,0	2.399,8	1.420.000,0	49,0	4.201.200,0	3.648,2	8,4	26,0	52,0
Algodão (@ / Capulho) - Oeste	308.196,6	269,0	1.243.293,5	2.124,0	290.000,0	270,0	1.183.200,0	2.344,3	(5,9)	(4,8)	10,4
Milho (sc)	265.000,0	145,0	2.332.650,0	1.012,5	220.000,0	135,0	1.799.085,0	655,4	(17,0)	(22,9)	(35,3)
Arroz (sc)	6.000,0	30,0	10.800,0	9,4	6.000,0	30,0	10.800,0	9,4	-	-	-
Feijão	9.000,0	50,0	27.000,0	60,8	10.000,0	50,0	30.000,0	50,0	11,1	11,1	(17,7)
Feijão vigna (sc) sequeiro 1º safra	50.000,0	17,0	46.800,0	67,0	50.000,0	17,0	46.800,0	78,0	-	-	16,4
Capim - Prod. Sementes (kg)	25.000,0	450,0	11.250,0	52,0	25.000,0	450,0	11.250,0	11,3	-	-	(78,4)
Sorgo (sc)	60.000,0	60,0	63.750,0	117,5	64.500,0	30,0	62.100,0	28,7	7,5	(2,6)	(75,6)
Café - total	14.704,0	36,3	23.705,4	138,3	14.163,0	43,5	28.389,0	165,6	(3,7)	19,8	19,8
Eucalipto (m³)	57.500,0	200,0	11.500.000,0	517,5	60.000,0	200,0	28.389,0	517,5	4,3	(99,8)	-
Milheto					700.000,0	15,0	630.000,0				
Outras culturas¹	58.791,4	-	108.597,9	147,0	99.442,0	-	116.726,0	181,4	69,1	7,5	23,4
2ª Safra - Área Irrigada	100.500,0				110.000,0		315.300,0	237,5			
Matriz Prod. Oeste - Seq./Irrig.	2.264.692,0		7.201.614,7	6.645,7	2.369.105,0		8.434.850,0	7.927,2	4,6	17,1	19,3
Matriz Prod. Alg. Sud. - Seq./Irrig.	12.323,0	40,0	7.393,8	-							
TOTAL GERAL	2.277.015,0		7.209.008,5	6.645,7	2.369.105,0		8.434.850,0	7.927,2	4,0	17,0	19,3

FONTE: BASE DE DADOS DO CONSELHO TÉCNICO DA AIBA

Prepare terreno para grandes colheitas.

Aplicando o calcário da Mineração do Oeste.

+ Produtividade

+ Rentabilidade

+ Sustentabilidade

+ Próximo da sua
lavoura

Ao longo das últimas três décadas, a **MINERAÇÃO DO OESTE** tem se afirmado como parceira do desenvolvimento do agronegócio na Região Oeste da Bahia. Investindo cada vez mais em inovação, seja através de pesquisas, novas tecnologias ou modernos equipamentos, vem aprimorando a qualidade do calcário corretivo de solos que oferta ao mercado, e o melhor, mais próxima da sua lavoura pois São Desidério é o coração do Oeste Baiano.



Sede/ Fábrica/ Vendas: Km 1 da Estrada São Desidério, Sítio Grande S/Nº
São Desidério - Bahia - (77) 3623-2156 (77) 3623-2163

Sócio mantenedor **FUNDAÇÃO BA**

FERTILIZAÇÃO

Calcário é decisivo para altas produtividades



PAULO KURTZ/REPRODUÇÃO EMBRAPA



por **ÁLVARO VILELA DE RESENDE**

Pesquisador da Embrapa Milho e Sorgo (MG) e doutor em solos e nutrição de plantas. Desenvolve pesquisas focadas no manejo da fertilidade do solo e adubação de sistemas de produção de grãos em plantio direto.

Todo produtor sabe que a correção da acidez é o primeiro passo no condicionamento dos solos de cerrado para a agricultura. Porém, nem todos atentam para o fato de que o manejo das condições de acidez nas lavouras precisa ser um processo contínuo, que requer monitoramento tão mais frequente quanto mais intensivos forem os cultivos ao longo do tempo. Na região do MATOPIBA, é comum a ocorrência de solos arenosos, caracterizados pelo menor tamponamento, que se reflete nos valores mais baixos de CTC. Em termos práticos, mesmo aplicando-se a quantidade correta de calcário exigida na calagem, esses solos não sustentam por muito tempo a condição de acidez corrigida. Assim, a reacidificação é um processo inevitável e que irá ocorrer com maior rapidez nos solos menos tamponados. A decomposição de resíduos orgânicos, o uso de adubos nitrogenados e a remoção de Ca e Mg nas colheitas são os principais fatores responsáveis pela reacidificação do solo.

O advento do plantio direto trouxe uma série de benefícios, mas criou uma dificuldade que se tornou um desafio: como manter o perfil de solo corrigido de modo a garantir o melhor desempenho das culturas? Sabe-se que os efeitos da calagem se restringem à camada de incorporação do calcário no solo, uma vez que a mobilidade dos carbonatos é baixa. A frente de correção que se forma a partir da aplicação do calcário em superfície (sem incorporação) acaba limitando-se aos primeiros centímetros do perfil de solo manejado em sistema plantio direto (SPD). Desse modo, antes de se iniciar o SPD, é fundamental o condicionamento do solo com incorporação de calcário no perfil. Paralelamente, a aplicação de gesso agrícola é recomendada para amenizar problemas de deficiência de cálcio (Ca) ou presença de alumínio (Al) abaixo da zona de incorporação do calcário, o que é possível devido à alta mobilidade do gesso no solo. A reação do calcário promove a elevação do pH e a neutralização do Al e do manganês (Mn) quando este está em excesso,

além de fornecer Ca e magnésio (Mg), garantindo o suprimento ideal desses dois nutrientes e também equilibrando-os em relação ao potássio (K). Por sua vez, o gesso atua como fonte de Ca e enxofre (S) e reduz os efeitos tóxicos do Al. Portanto, calagem e gessagem são práticas complementares, em que uma não substitui a outra.

No SPD corretamente estabelecido, o manejo de longo prazo deve envolver a utilização periódica de calcário e de gesso distribuídos superficialmente, mas de acordo com diagnósticos obtidos por análises do solo. Esses procedimentos são necessários para que o calcário possa reagir ao longo do tempo e haver migração de Ca e Mg, mantendo condições satisfatórias de fertilidade na porção superior do perfil, enquanto o gesso irá atuar na camada subsuperficial (subsolo). Nas condições do Oeste da Bahia, os agricultores têm relatado bom desempenho das culturas quando se investe em doses mais elevadas de calcário em solos arenosos, tanto na abertura de área quanto nas aplicações posteriores.

Alguns atributos devem ser sempre observados na análise de solo para se diagnosticar a necessidade de aplicação de calcário: 1) o nível de saturação por Al; 2) o nível de saturação por bases; 3) os teores absolutos de Ca e Mg; 4) as proporções de Ca e Mg em relação à CTC; e 5) as relações entre os cátions Ca, Mg e K. Atentar para apenas um ou alguns desses atributos pode levar a um diagnóstico falho, que resulta em manejo que não atende aos requisitos de fertilidade do solo para sistemas de alta produtividade. Um bom técnico pode auxiliar o agricultor a aperfeiçoar o manejo da acidez, definindo a quantidade e a qualidade do corretivo e o aporte equilibrado de Ca e Mg. Assim, diferentes tipos de calcário, com proporções variáveis de CaO e MgO, podem ser requeridos em talhões com características distintas e também ao longo do tempo dentro de um mesmo talhão.

A agricultura brasileira se tornou muito mais dinâmica nas últimas décadas. As práticas culturais evoluíram e a exportação de nutrientes nas colheitas (incluindo Ca e Mg) foi intensificada com as cultivares de alto rendimento. O calcário é um insumo de baixo custo que potencializa os benefícios das adubações e outros tratamentos culturais. Por isso, investir mais em fertilizantes só é uma boa ideia após se identificar o que o solo realmente demanda e prover o calcário que a lavoura requer. Adubar solo ácido significa perder competitividade. Afinal, a otimização da produtividade é o ponto chave para diluir os custos de tudo o que foi investido na plantação.*

A responsabilidade socioambiental no crédito



por **GEORGIA ALENCAR**
Assessora jurídica da Associação de
Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba).

A previsível dicotomia entre a disponibilidade de créditos – via financiamento das instituições financeiras – e a responsabilidade socioambiental – destas mesmas instituições - trazida pela resolução n.º 4.327 do BACEN de 25.04.2014 chega em sua segunda fase neste próximo mês de julho. Cuida a resolução da obrigatoriedade de implementação da Política de Responsabilidade Socioambiental (PRSA).

Essa resolução trará a modernidade responsável aos empreendimentos e aos empreendedores preocupados não somente com o desenvolvimento econômico, mas com sua efetivação diante dos desafios lançados para a conservação do meio ambiente sustentável.

Em julho, portanto, inicia-se a segunda fase de aplicação das diretrizes contidas na resolução n.º 4.327/2014, que exigirá a implementação de ações por parte dos pretendentes à obtenção de financiamentos visando alavancar suas atividades. Trata-se em verdade de requisitos garantidores de crédito e mitigadores de riscos em suas operações, de tal modo que as instituições financeiras, embora não de forma solidária, assumirão também responsabilidades socioambientais com os tomadores de empréstimos, sejam eles pessoas físicas ou jurídicas.

Dentre os fatores de risco a serem avaliados para a concessão de créditos estão a gestão de risco ambiental, proteção à biodiversidade e adoção de mecanismos de prevenção e controle de poluição; proteção à saúde, à diversidade cultural e étnica e adoção de sistemas de segurança e saúde ocupacional; avaliação de impactos socioeconômicos, incluindo as comunidades e povos indígenas, proteção a habitats naturais com exigência de compensação para populações afetadas por um projeto; eficiência na produção, distribuição e consumo de recursos hídricos e energia e uso de energias renováveis e; respeito aos direitos humanos e combate à mão de obra infantil.

Os critérios socioambientais na análise de crédito e a avaliação de potenciais riscos serão continuamente aperfeiçoados, de forma a promover o aprimoramento da gestão de riscos so-

cioambientais que possam decorrer das operações de crédito, contribuindo assim para o estabelecimento de parâmetros na criação de políticas e requisitos regulatórios que permeiem a produção sustentável e que possam minimizar os riscos de perdas econômicas para os setores envolvidos.

Os projetos ou empreendimentos serão classificados em três categorias: Categoria A - com possibilidade de apresentar significativos impactos ambientais adversos que forem sensíveis, diferentes ou sem precedentes. Por sensível, entenda-se aquele que apresenta possibilidade de irreversibilidade; Categoria B - com potencial de causar impactos ambientais adversos em populações humanas ou áreas ambientalmente importantes, porém menos adversos que aqueles incursos na categoria anterior; Categoria C - com mínima ou nenhuma possibilidade de apresentar impacto ambiental adverso.

Nos projetos classificados como A ou B, os bancos se comprometem a fazer um relatório socioambiental sugerindo mudanças que reduzam os riscos à comunidade onde será implantado, no qual pode estar incluída a alternativa de não concluir o projeto. Para todos os projetos de categoria A deverá ser elaborado um Plano de Gestão Ambiental e, caso o banco considere aconselhável, para qualquer projeto de categoria B. Caso o tomador deixe de cumprir uma das cláusulas sociais e ambientais, o financiador trabalhará junto a ele, na busca de soluções para que tal cláusula seja cumprida, atendendo ao princípio legal da conservação dos negócios jurídico-econômicos.

Na Bahia, o CEFIR (Cadastro Estadual Florestal de Imóveis Rurais) corresponde ao CAR (Cadastro Ambiental Rural), que atende ao disposto no Código Florestal (Lei nº 12.651/2012) e no Decreto Estadual Florestal nº 15.180/2014. À guisa de esclarecimento, o CEFIR é um registro público eletrônico obrigatório para os produtores rurais, independentemente do tamanho da propriedade. Sem este cadastro outros serviços ambientais não serão atendidos.

Dessa maneira, a inscrição no CEFIR garante a regularização estadual e nacional das propriedades rurais, uma vez que sua base de dados está alinhada com a base do SICAR (Sistema Nacional de Cadastro Ambiental Rural).

Dessa forma, é essencial e urgente aos produtores rurais fazerem a adesão ao CEFIR, como condição sine qua non de acessibilidade aos créditos necessários ao seu desenvolvimento econômico, com a necessária assunção de responsabilidade socioambiental, em atendimento à Resolução 4.327/2014 do BACEN.✱

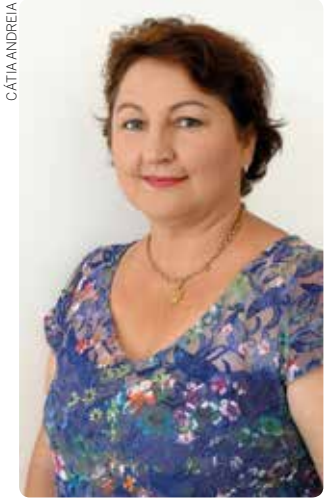


O SETOR QUE REGISTROU MOVIMENTAÇÃO HISTÓRICA EM 2013, COM A VENDA DE 83 MIL MÁQUINAS, VIU O CENÁRIO ESFRIAR EM 2014 E NÃO VÊ MUTA EVOLUÇÃO PARA 2015

da **CÁTIA ANDREIA**

Em 1976, o país registrou o que talvez seja o primeiro recorde de venda de máquinas agrícolas, com 80 mil unidades. Na época, a expansão de novas áreas agrícolas aliada a créditos subsidiados a juros baixos e, recentemente, a elevação nos preços das commodities agrícolas fizeram o mercado alavancar. Por isso, 2013 emplacou a marca histórica de 83 mil máquinas vendidas. Agora, com os estoques mundiais de grãos normalizados e, sobretudo desvalorizados, o mercado de máquinas agrícolas recua às margens históricas. Estudos da Céleres Consultoria revelam que a frota de tratores no Brasil é a mais nova desde 1982: 30% têm menos de cinco anos de uso.

De acordo com Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), as vendas internas de máquinas agrícolas e rodoviárias no atacado atingiram 4.834 unidades em março, queda de 12,5% ante igual mês do ano passado, quando o número chegava a 5.527 unidades comercializadas. Já as exportações de máquinas agrícolas, por sua vez, somaram US\$ 159,748 milhões, recuo de 37,1%. Entretanto, ainda que com receitas amargas, março apresentou o melhor resultado em vendas no primeiro trimestre de 2015. O aumento nas vendas internas representa 30,9% em relação a fevereiro e 7,9% no volume das exportações.



IDA BARCELLOS
A presidente da Assomiba, calcula que as vendas na região caíram 15% em 2014, mas acredita que o mercado vai reagir neste ano

Na região, o cenário é menos desanimador, segundo a presidente da Associação dos Revendedores de Máquinas e Equipamentos Agrícolas do Oeste da Bahia (Assomiba), Ida Barcellos. “O Oeste baiano vive um cenário econômico muito atípico em relação a outras regiões do país. Vivemos numa região que responde muito rápido ao mercado”, observa. A entidade estima uma queda nas vendas de 15% no faturamento de 2014 até o momento. Hoje, a Assomiba representa oito revendas de máquinas e equipamentos agrícolas em todo o Oeste. Mais de mil empregos diretos gerados estão entre o quadro de associados; os indiretos representam principalmente, a prestação de serviço.

Enquanto os especialistas apostam nas vendas de máquinas para a produção pecuária em 2015, após alta no preço do setor, Barcellos, de antemão, descarta um aumento significativo no Oeste, visto que o mercado representa menos de 10% do faturamento total dos associados.

Otimista, Ida acredita na normalização das vendas ainda para 2015, porém ressalva que o setor vive um dos piores momentos de mercado, e a persistência do empresariado é que determinará os próximos meses. “O sistema está trabalhoso. A carga tributária e as leis trabalhistas estão deixando o empresariado do agronegócio cada vez mais desanimado. Nós não estamos acostumados a trabalhar com crescimento chegando a zero”, revela. “Acredito que o momento é de perseverança, não devemos tomar atitudes radicais e assim focar no negócio”.✱

O crescimento da população mundial e a agricultura



por **HELMUTH KIECKHÖFER**
Médico veterinário, doutor em medicina veterinária pela Escola Superior de Medicina Veterinária de Hannover (Alemanha) e Superintendente do Instituto Aiba.

A Organização das Nações Unidas (ONU) estima que estamos crescendo ao ritmo de cerca 78 milhões de pessoas por ano. Todos os dias, cerca de 380 mil pessoas nascem e 155 mil morrem no planeta Terra. Isto se chama crescimento vegetativo, que é a diferença entre a taxa de natalidade e a taxa de mortalidade. Assim temos um saldo positivo de 225 mil bocas para alimentar todos os dias. É quase o equivalente a uma cidade como Camaçari (BA) ou Cotia (SP) surgindo todos os dias sobre o planeta. A população mundial no ano de 2013 atingiu a soma de 7,2 bilhões e a previsão para o ano de 2050 é de uma população de 9,1 bilhões. A ONU prevê que, em 2030, a população global vai necessitar de 40% a mais de água, 35% a mais de alimento e 50% a mais de energia. Neste ano, a entidade trabalha o tema Água e Energia, pois 768 milhões de pessoas não têm acesso à água tratada, 2,5 bilhões não melhoraram suas condições sanitárias e 1,3 bilhão não têm acesso à eletricidade, de acordo com a ONU.

A população mundial vem se urbanizando cada vez mais. Segundo a ONU, em 2010, pela primeira vez na história da humanidade, havia mais pessoas vivendo nas cidades do que no meio rural, fato que deve intensificar-se ainda mais, principalmente em razão da intensiva urbanização dos países emergentes e subdesenvolvidos. O Brasil, por exemplo, já possui quase 90% de seus habitantes residindo em áreas urbanas. Este aumento foi causado, principalmente, pela crescente migração rural para a área urbana, transformação das zonas rurais em assentamentos urbanos e o próprio crescimento das populações urbanas. Em termos de distribuição, a população mundial encontra-se em maior parte concentrada no continente asiático, onde estão alguns dos países mais populosos do planeta, como a China e a Índia. Esses dois países, juntos, somam um total superior a dois bilhões e meio de pessoas. Assim, se somarmos com os demais países desse continente, temos um total de 4,4 bilhões de pessoas em 2014, segundo dados do Banco Mundial. Em 2010, a média de densidade populacional mundial foi de 53 pessoas por quilômetro quadrado. Na Ásia

a densidade populacional é de 134 hab./km² em comparação com 29 hab./km² na América latina e Caribe.

O aumento da demanda por alimentos no mundo é explicado pelo crescimento populacional e renda dos consumidores. Dessa forma, o incremento populacional e o crescimento econômico dos países resultaram na procura por alimentos que consomem mais recursos para serem produzidos, como as carnes. Segundo Agência Federal para a Agricultura e Alimentação da Alemanha (BLE, 2010), cada alemão consome em média 670 kg de alimento por ano. Considerando a ingestão de líquidos, esta soma pode atingir uma tonelada por ano. Estima-se que este consumo seja muito próximo ao dos americanos e países desenvolvidos. Cálculos da Universidade de Stuttgart indicam que cada cidadão alemão joga fora 81,6 kg de alimento por ano. Isto indica que 6,7 milhões de toneladas de alimentos em todo o país vão para o lixo ou são transformadas em resíduos orgânicos ou ração animal, todo o ano. As residências são responsáveis por 61% do total de resíduos de alimentos e a indústria de alimentos, restaurantes, hotéis, hospitais por 19% dos resíduos.

O comércio é responsável em torno de 5% da produção de resíduos e 15% são atribuídas a outros setores. Se transformarmos o desperdício em grãos e fizermos um comparativo com a produção do Oeste da Bahia (cerca de sete milhões de toneladas/ano), nós estaríamos gerando toda esta riqueza regional para que os alemães joguem tudo fora. Se considerarmos os americanos, que tem o hábito muito parecido com os alemães



ÊXODO
Falta de alimento, pobreza, guerra e superpopulação atingem países do oriente médio, continente asiático e africano. A “única” saída é migrar para outros centros. Muitas vezes, o problema só muda de lugar

REPRODUÇÃO DO SITE G1.GLOBO.COM, DE 26/10/11



e uma população de 309 milhões de habitantes em comparação aos 82 milhões da Alemanha, teríamos um desperdício 3,7 vezes maior, ou seja, 25 milhões de toneladas de alimentos desperdiçados. Nesta simulação, EUA e Alemanha estariam jogando 31,94 milhões de toneladas de alimento no lixo. Isto equivale à produção do Mato Grosso que é de cerca de 31 milhões de toneladas de grãos por ano. Estima-se que um terço de todo o alimento produzido no mundo é jogado fora. Se esta estimativa já é ruim, ainda temos um acréscimo de 78 milhões de bocas para alimentar todo o ano e este alimento deverá vir da agricultura.

Segundo a FAO (2013), mais de 1,5 bilhão de hectares no mundo são usados para a produção agrícola (12% da terra mundial). Apesar de uma enorme superfície terrestre ainda ser considerada apta para agricultura, grande parte desta terra é coberta por florestas e outra parte está coberta por grandes metrópoles. A maioria dos assentamentos do mundo ocorreu perto de terras férteis e cultiváveis, que desapareceram debaixo de concreto e asfalto no último meio século. Diante deste contexto, a distribuição de terras com potencial agrícola não ocorre de forma igual entre regiões e países, sendo que 90% da terra agricultável encontram-se na América Latina e na África subsaariana. No outro extremo, não há praticamente nenhuma terra disponível para expansão agrícola no sul da Ásia, Ásia Ocidental e Norte de África.

Até agora, os sistemas de produção (gestão da terra e da água) têm sido capazes de atender rapidamente as demandas crescentes da população. Esta condição só foi possível porque o avanço tecnológico no uso de fertilizantes, defensivos agrícolas, sementes transgênicas, mecanização, tecnologia de precisão e irrigação garantiram os ganhos de produtividade. O livro da FAO, lançado em 2014, “A mecanização para o desenvolvimento rural: estudo de modelos e evolução no mundo” (Mechanization for Rural Development, A review of patterns and progress from around the world) descreve a importância do aumento da utilização de máquinas na atividade agrícola. O livro demonstra o sucesso das políticas públicas e econômicas em países que alcançaram grandes avanços e também outros que ficaram para trás. Bangladesh, por exemplo, deixou de usar a força humana e tração animal na década de 1970 para

se converter em uma das economias agrícolas mais mecanizadas do sul da Ásia, com 300 mil tratores de baixa potência, um milhão de bombas de irrigação com motor a diesel e o uso generalizado de trituradores mecânicos. A África, com grandes recursos de terras disponíveis, tem menos de 10% dos serviços agrícolas mecanizados. Cerca de 25% do preparo agrícola procede de tração animal e mais de 60% da força humana, sobretudo mulheres, idosos e crianças. Pode parecer estranho, mas isto é um dos conceitos de agricultura familiar.

A produção agrícola mundial cresceu, em média, entre 2% e 4% ao ano

nos últimos 50 anos, enquanto a área cultivada cresceu apenas 1% ao ano. Mais de 40% do aumento na produção de alimentos veio de áreas irrigadas, que dobrou de tamanho. No mesmo período, a área global de cultivo passou de 0,44 ha/pessoa para menos de 0,25 ha/pessoa, dando um sinal claro que a intensificação da agricultura foi bem-sucedida e trouxe benefícios para o uso racional da terra, diminuindo a pressão sobre o desmatamento e a expansão de novas áreas agrícolas.

Para que o esforço do produtor rural seja valorizado, precisamos direcionar a nossa atenção para os gestores públicos e para as áreas urbanas, principalmente pelo crescimento populacional, desperdício mundial de alimento, água e poluição do solo. Uma em cada sete pessoas no mundo passa fome e mais de 20 mil crianças com menos de cinco anos morrem todos os dias por conta de desnutrição. Cerca de 870 milhões de pessoas em todo o mundo ainda estavam em situação de fome crônica entre 2010 e 2012. O matemático populacional Prof. Joel Cohen, da Rockefeller University, declarou em 2012, que “Demografia não é destino, pois podemos influenciar o mundo de nossos filhos e netos pelo que fazemos agora”. Segundo o Dr. Malcolm Potts, um especialista populacional, apenas um declínio de meio filho por mulher, na taxa de fertilidade mundial, já nos traria de volta a 6 bilhões de habitantes até o final do século, mas meio filho na direção oposta, nos levaria a 16 bilhões. Alan Weisman, em seu livro “Contagem Regressiva – Nossa última e melhor esperança de um futuro na Terra?”, lançado em 2011, deixa bem claro: “Não quero abater ninguém que esteja vivo. Desejo a todos os humanos que estão no planeta uma vida longa e saudável. Porém, ou assumimos o controle e humanamente diminuimos nossos números, ou a natureza irá cobrar o seu preço”. O agricultor tem feito a sua parte e até agora garantiu a alimentação da população mundial e a ostentação do luxo alimentar da população urbana. Se todos os outros seguimentos da sociedade, inclusive os gestores públicos, fossem tão eficientes quanto a agricultura, não teríamos tantos problemas com saúde, educação, segurança pública e infraestrutura. Mas se a agricultura, em algum momento, não conseguir mais alimentar a população mundial, vamos seguir o conselho do Papa Francisco: “não se reproduzir como coelhos”.*

Matopiba, uma região que já nasceu grande

GOVERNO AMPLIA ABRANGÊNCIA DE ÁREA E MINISTRA VEM AO OESTE APRESENTAR PLANO PARA IMPULSIONAR O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

por **REDAÇÃO**

Criado no dia 6 de maio através de decreto presidencial, o Plano de Desenvolvimento Agropecuário do Matopiba foi apresentado oficialmente ao Oeste pela ministra Kátia Abreu (Agricultura, Pecuária e Abastecimento) no Centro de Coordenação Regional do Senar, em Luís Eduardo Magalhães, em 15 de maio.

A palavra Matopiba (*infográfico ao lado*) é formada pelas iniciais dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, e compreende uma área considerada a última fronteira agrícola do mundo. O plano, explicou a ministra, tem por objetivo impulsionar o crescimento sustentável da região. Foi elaborado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) e contempla ações estratégicas de infraestrutura, inovação e tecnologia.

Em seu discurso, a ministra lembrou a época da chegada dos sulistas na região. “Há 40 anos éramos os grandes importadores de alimentos. Construímos a agricultura do Brasil no

improviso. Nunca imaginávamos que iríamos nos transformar no que somos hoje. Nem os governos imaginavam. Esses produtores que vieram do Sul desbravaram esse mundo afora sozinhos. Trouxeram riquezas, conhecimento. Mas, infelizmente, o poder público não os acompanhou com logística e infraestrutura. Com o Matopiba queremos reverter esse histórico”, disse a ministra.

O plano amplia a abrangência territorial e prevê a criação de uma agência regional de desenvolvimento, que deve ser ágil e mista, com participação de produtores, empresários e governo. O formato da futura agência ainda está sendo discutido entre o MAPA e representantes dos estados, da iniciativa privada e de instituições de pesquisa e de ensino.

“É importante dizer, que aqui no Centro Oeste brasileiro que inclui a Bahia, apesar de ser Nordeste, a característica é de produção de estalo de alto impacto. E o Matopiba vem com a função de quebrar um paradigma muito forte e inserir os produtores nativos no programa para corrigir essa distorção”, disse Kátia Abreu.

Várias autoridades estiveram presentes à solenidade, entre eles o governador da Bahia Rui Costa, que ratificou a fala da ministra em seu discurso: “Essa região tem um enorme potencial produtivo e chegou a hora do Nordeste receber o que não recebeu durante décadas”, disse Costa.✱

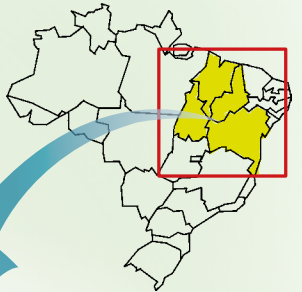
EM LUÍS EDUARDO MAGALHÃES

Kátia Abreu (Agricultura, Pecuária e Abastecimento) disse que plano vai corrigir uma distorção história e que todos os produtores, do pequeno ao grande, serão beneficiados



SAIBA MAIS

O **MATOPIBA** é uma região formada por partes dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. O primeiro critério para delimitação territorial foi embasado nas áreas de cerrado existentes nas quatro federações. O segundo, os dados socioeconômicos. A proposta de delimitação foi feita pelo Grupo de Inteligência Territorial Estratégica (GITE), da Embrapa.



ÁREA

São **337 municípios** e **31 microrregiões** nos **73 milhões de hectares**, divididos entre os quatro estados: Maranhão 33%, Tocantins 38%, Piauí 11% e Bahia 18%.

AGRICULTURA

Esse território apresenta uma expansão de fronteira agrícola baseada em tecnologias modernas de alta produtividade. O principal grão destinado à exportação é a soja, mas outras culturas também se destacam, como o algodão, milho, café, feijão, etc. Entre 1973 e 2011, a produção de soja passou de 670 mil toneladas para mais de 7 milhões. E a de grãos saltou de 2,5 milhões de toneladas para mais de 12,5 milhões no mesmo período. Os quatro estados tiveram aumento expressivo na sua produção na safra de 2014/2015 em relação à de 2013/2014. Conforme dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a Bahia teve crescimento de 20%, Piauí 19%, Maranhão, 16% e Tocantins, 14%. Em 2013/14, os quatro estados produziram 18,6 milhões de toneladas de soja.

ECONOMIA

O **Produto Interno Bruto (PIB)** do Matopiba soma R\$ 47 bilhões. Maranhão responde por 41% desse valor, seguido por Tocantins com 37%, Bahia com 19% e Piauí com 4%. O PIB per capita da região é de R\$ 7,95 mil, abaixo da média do Nordeste (R\$ 9,56 mil), do Norte (R\$ 12,7 mil) e do país (R\$ 19,77 mil). Dos 250.238 estabelecimentos rurais da região, 85% têm mais que 100 hectares e exploram principalmente lavouras temporárias e permanentes, hortícolas, bovinos, leite, porcos, aves e ovos. Há concentração de renda e pobreza. Do total de estabelecimentos, 80% são muito pobres (geraram apenas 5% de toda a renda bruta do Matopiba); 14% são pobres (geraram 8%); 6% são classe média e responsáveis por 27% do bolo. Somente 0,42% das propriedades são ricas, e geraram 59% da renda bruta total.

FONTE: MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO

MATOPIBA

TO

MA

PI

BA

DF

↑ 21%

Em 10 anos, a região deve produzir 22,7 milhões de toneladas de soja.

POPULAÇÃO

A população total do Matopiba é de 5,9 milhões. A microrregião de Imperatriz (MA) tem o maior contingente populacional, com 566 mil pessoas.

NATUREZA

Há três biomas no Matopiba, mas o cerrado prevalece em 91% de toda a área. Em seguida está Amazônia (7%) e Caatinga (2%). Quatro regiões hidrográficas importantes estão localizadas ali, a Tocantins-Araguaia, o Parnaíba, o Atlântico Nordeste Ocidental e o São Francisco. Na área de óleo e gás, o Maranhão se destaca como o oitavo maior produtor do país, com o campo de Gavião Real.



REPRODUÇÃO

Fontes e doses de manganês em diferentes aplicações na cultura da soja



por **MARLO EDIRCEU FRIEDRICH**
e **FABIANO ANDREI B. DA CRUZ**

Engenheiro agrônomo. Atua na área de marketing e difusão de tecnologia, na Fundação Bahia.



Doutor em agronomia, sistemas de produção/solos, adubação e nutrição de plantas. Pesquisador e consultor da Fundação Bahia.

lho-Amarelo Distrófico (EMBRAPA, 2006) cultivado sob sistema convencional e irrigado (pivô central).

Na semeadura da cultura, 12 sementes m⁻¹ da variedade BRS 8280 RR foram distribuídas no sulco de semeadura em novembro de 2013.

O delineamento experimental utilizado foi o de blocos casualizados, em esquema fatorial 3 x 2 x 2 + 1 + 1 (80, 160 e 320 g ha⁻¹ Mn x Mn-Quelato e MnSO₄ x aplicação em V4 ou V4+R1 + 640 g ha⁻¹ MnSO₄ + controle), com quatro repetições, conforme **tabela 1**.

As diferentes fontes e doses de manganês foram aplicadas utilizando-se pulverizador costal pressurizado por CO₂, com barra de 6 pontas espaçadas em 0,5 m, volume de aplicação de 150 L ha⁻¹ e ponta tipo cone vazio.

Cada unidade experimental foi composta por 8 linhas espaçadas em 0,50 m com 10 m de comprimento (40,0 m²) sendo a área útil composta pelas 4 linhas centrais excluídos 2,0 m de ambas extremidades (12,0 m²).

Para avaliação da produtividade e peso de mil grãos foram colhidas as plantas da área útil, sendo posteriormente trilhadas, pesadas e determinada a umidade dos grãos para correção a 13%.

Os dados foram submetidos à análise de variância, sendo os efeitos de fontes e épocas de aplicação comparados pelo teste Tukey, efeito de doses através da análise de regressão além da comparação fatorial x tratamento adicional + controle pelo teste de Dunnett, todos ao nível de 5% probabilidade, utilizando o programa Sisvar (FERREIRA, 2008).

Tabela 1 - Descrição dos tratamentos (fontes, doses épocas de aplicação de manganês)					
Tratamento	Mn (g ha ⁻¹)	Fonte	Época de aplicação		
			V4	V8	R1
1	-	Controle	-	-	-
2	80	Quelato	50%	-	50%
3	80	Quelato	100%	-	-
4	160	Quelato	50%	-	50%
5	160	Quelato	100%	-	-
6	320	Quelato	50%	-	50%
7	320	Quelato	100%	-	-
8	80	Sulfato	50%	-	50%
9	80	Sulfato	100%	-	-
10	160	Sulfato	50%	-	50%
11	160	Sulfato	100%	-	-
12	320	Sulfato	50%	-	50%
13	320	Sulfato	100%	-	-
14	640	Sulfato*	33%	33%	33%

*Aplicações realizadas em três épocas para minimizar efeito fitotóxico.

Tabela 2 - Resultados de Teste F para os fatores de isolados e suas interações					
FV	AIV	AP	MMG	PROD	
DOSE	1,58 ns	1,68 ns	10,40 ns	8,96 **	
FONTE	1,50 ns	0,86 ns	0,79 ns	1,46 ns	
ÉPOCA	0,11 ns	0,002 ns	1,57 ns	0,02 ns	
DOSE X FONTE	0,31 ns	5,76 **	3,91 *	1,94 ns	
DOSE X ÉPOCA	0,49 ns	0,10 ns	12,63 **	0,53 ns	
FONTE X ÉPOCA	1,01 ns	0,19 ns	1,25 ns	0,64 ns	
DOSE X FONTE X ÉPOCA	0,26 ns	1,37 ns	14,31 **	1,65 ns	
FAT. X ADIC. + CONTROLE	0,30 ns	4,03 ns	4,57 *	39,77 **	
ADIC. X CRONTROLE	0,23 ns	1,42 ns	1,17 ns	0,21 ns	

ns: não significativo; ** Significativo a 1% de probabilidade; * Significativo a 5% de probabilidade. FV: fator de variação; AIV: altura de inserção da 1ª vagem; AP: altura de planta; MMG: massa de mil grãos; PROD: produtividade.

Tabela 3 - Valores de produtividade de soja em função da interação Fat. x Adic. + Controle						
Tratamento	Mn (g ha ⁻¹)	Fonte	Época de aplicação			Produtividade kg ha ⁻¹
			V4	V8	R1	
1	80	Quelato	50%	-	50%	3986 a
2	80	Quelato	100%	-	-	3908 a
3	160	Quelato	50%	-	50%	4084 a
4	160	Quelato	100%	-	-	4157 a
5	320	Quelato	50%	-	50%	3845 b
6	320	Quelato	100%	-	-	3963 a
7	80	Sulfato	50%	-	50%	3895 b
8	80	Sulfato	100%	-	-	3869 b
9	160	Sulfato	50%	-	50%	3816 b
10	160	Sulfato	100%	-	-	3860 b
11	320	Sulfato	50%	-	50%	3931 a
12	320	Sulfato	100%	-	-	3760 b
Adicional	640	Sulfato	33%	33%	33%	3533 b
Controle	-	-	-	-	-	3582 b

DMS = 314. As letras após as médias comparam os tratamentos em relação ao controle (teste de Dunnett a 5%).

Na **tabela 2**, estão apresentados os resultados do teste F para os fatores isolados e suas interações. Para Altura de Inserção da 1ª Vagem (AIV) não houve influência significativa para os fatores dose, fonte e época além das interações.

Para a variável Altura de Plantas (AP), houve diferença significativa ao nível de 1% de probabilidade para a interação entre dose de Mn e fonte de Mn.

Já para a Massa de Mil Grãos (MMG) se obteve interação significativa (p<0,05) para dose x fonte de Mn e interação dose Mn e época de aplicação (p<0,01). Enquanto que para interação dose de Mn x fonte de Mn x época de aplicação se obteve efeito significativo ao nível de 1% de probabilidade.

Quando analisada a interação fatorial x tratamento adicional (640 g ha⁻¹ de Mn) + controle, também se verificou significância ao nível de 5% de probabilidade.

Para a variável produtividade, foi obtido efeito significativo (p<0,01) para as doses de Mn utilizadas, sendo os dados ajustados ao modelo de regressão do tipo quadrático, sendo a dose máxima técnica da ordem de 188,8 g ha⁻¹ Mn, e para a interação fatorial x tratamento adicional (640 g ha⁻¹ de Mn) + controle, também se obteve significância ao nível de 1% de probabilidade.

Quando feita a comparação dos valores da MMG, para a interação Fatorial x Tratamento Adicional + Controle, em que somente os tratamentos caracterizados pela aplicação de 80 e 320 g ha⁻¹ Mn, ambos na forma de sulfato, em aplicação única (estádio V4), estes diferiram significativamente do controle (p<0,05).

Quando comparado o efeito das doses de Mn sobre a produtividade, a dose que propicia a maior produtividade correspondente a 188,8 g ha⁻¹ de Mn.

A **tabela 3**, expressa os valores de produtividade para a interação Fatorial x Tratamento Adicional + Controle, em que os tratamentos com as doses de 80 e 160 g ha⁻¹ Mn Quelato aplicados tanto em V4, como V4 + R1, a dose de 320 g ha⁻¹ Mn da fonte Quelato aplicada somente em V4 e a dose de 320 g ha⁻¹ MnSO₄ aplicado em V4 e R1, diferem estatisticamente em relação ao controle, pelo teste de Dunnett a 5% de probabilidade.

CONCLUSÃO

A altura de plantas é reduzida quando aplicados 160 g ha⁻¹ de Mn(SO₄).

A MMG é diminuída quando utilizados 320 g ha⁻¹ de Mn da fonte sulfato (SO₄), e quando aplicado em V4 da mesma fonte (MnSO₄). Para a MMG, as doses e o número de aplicações da fonte Quelato não afetam esta variável. A MMG, na dose de 80 g ha⁻¹ Mn(SO₄) quando aplicado em V4 + R1, é reduzida. E quando aplicados 320 g ha⁻¹ Mn(SO₄) em V4, este também provoca redução.

A aplicação de 189 g ha⁻¹ Mn permite a obtenção da maior produtividade de soja.

A produtividade da cultura da soja independe da fonte de Mn e época de aplicação.*



O poder do cajuí do cerrado

Pesquisa da FASB, iniciada há cerca de dois anos, vem desvendando as múltiplas potencialidades do fruto, que pode ser futuramente utilizado para fins medicinais, controle biológico de pragas e até mesmo como biodiesel.

Fruto típico do cerrado, o cajuí, também conhecido como “cajuzinho” começa a ganhar vida com as primeiras chuvas depois da longa estiagem do oeste baiano. Além do um saboroso fruto que se transforma em suco, doces e geléias nas épocas de chuva, o cajuí pode ter ainda múltiplos usos que vão desde o uso para fins medicinais e até mesmo para a produção de biodiesel. Desde o final de 2013, estas múltiplas possibilidades vêm sendo finalmente estudadas por um grupo de pesquisadores da Faculdade São Francisco de Barreiras (FASB).

Composto por 9 professores e 15 acadêmicos, o grupo já identificou as principais pragas e doenças que ocorrem normalmente nas plantas de cajuí na região do Vau da Boa Esperança, em Barreiras, e no potencial do uso da polpa do cajuí para novos produtos, como doces, geléias, hambúrgueres e licor. O coordenador do colegiado de agronomia da FASB, professor Jorge da Silva, explica que a pesquisa vem se dedicando na caracterização da planta, potencial alimentar, pragas e potencial do extrato do cajuí. “Atualmente existem dez linhas de pesquisa em andamento na graduação, e também com a

viabilidade de estudos de pós graduação/mestrado na área de Bioenergia, no sentido de verificar o potencial do óleo da castanha do cajuzinho para o uso de energia alternativa”, explica.

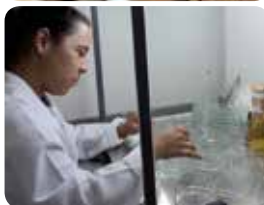
O projeto também se aproxima das comunidades locais para identificar e caracterizar as espécies de



cajuí presentes em Barreiras, e produzir um levantamento do conhecimento popular sobre os usos múltiplos do fruto no oeste da Bahia. Responsável pela linha da pesquisa sobre Aplicação de extratos vegetais de cajuí no controle de microrganismos, o prof. Jorge da Silva, explica que a pesquisa também vai focar em levantar métodos eficazes de propagação do gênero *Anacardium* sp (nome científico do Cajuí).

Segundo ele, um dos principais motivos para o desenvolvimento do projeto baseia-se em estudos preliminares sobre o potencial do consumo in natura, processamento, como planta medicinal e na fabricação de extratos com características inseticidas. “Embora seja muito apreciado pela população regional e apresentar características potenciais para exploração, o cajuí ainda é pouco conhecido e consumido no Brasil. Esta pesquisa pode contribuir inclusive com a formação de uma nova cadeia produtiva na região”, almeja.

SOBRE O CAJUÍ - Também conhecido como cajuzinho do cerrado, nome popular mais abrangente, é atribuído a pelo menos seis espécies do gênero *Anacardium* spp. encontradas predominantemente na região Nordeste do Brasil, e que produzem pseudofrutos bem menores do que o caju comercial (*Anacardium occidentale*).



NEGÓCIOS

Café da região atrai mercado internacional

PRODUTIVIDADE AUMENTA E GRÃO CONQUISTA MERCADO EXTERNO, QUE CONSOME 70% DA PRODUÇÃO LOCAL. CERCA DE 350 MIL SACAS DEVEM SER COLHIDAS NESSA SAFRA 2014/15

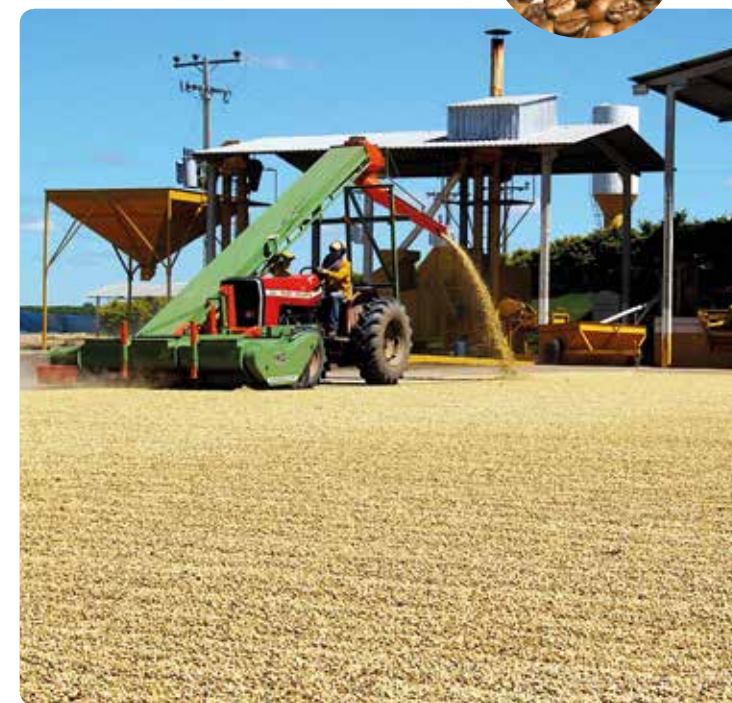
da **CÁTIA ANDREIA**

Reconhecido, principalmente pelas culturas de soja e algodão, o Oeste baiano desponta também como um importante produtor de café arábica (um dos mais rentáveis) no país. O avanço se deu principalmente nos últimos três anos, e nesta safra 2014/15, a colheita do grão na região será de aproximadamente 350 mil sacas, segundo a Associação dos Cafeicultores do Oeste Baiano (Abacafé).

O sucesso da atividade no Oeste é creditado à boa luminosidade, à topografia, ao clima - com temperaturas médias que variam entre 22° a 26° C, sem riscos de geada -, além da disponibilidade de água na região. E o resultado não poderia ser diferente: a expansão de novas áreas, inclusive com a presença de investidores estrangeiros.

De acordo com levantamentos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) a região apresenta os melhores resultados quando o assunto é custo por safra. Recentemente, a Olam Internacional, uma das maiores tradings de commodities agrícolas da Ásia e que desde 2005 atua no Brasil, se instalou na região. Atualmente, a empresa está posicionada entre as principais comercializadoras de café e algodão certificados (100% exportados).

Hoje, o parque cafeeiro do Oeste representa uma área de aproximadamente 15 mil hectares inseridos em um sistema totalmente irrigado e mecanizado. Devido à renovação de alguns cafezais, com lavouras de idade igual ou superior a 10 anos, a atual safra conta com 9 mil hectares em produção. De acordo com a Abacafé, 70% da produção de grãos são destinadas ao mercado externo, 20% para a formulação de blends e 10% para a indústria nacional.



ÁREA DE PRODUÇÃO

Apesar do parque cafeeiro do Oeste ser de 15 mil hectares, nesta safra apenas 9 mil hectares foram usados para a produção do café, devido a renovação de alguns cafezais.

No cenário nacional, o café produzido no Oeste da Bahia já conquistou seu espaço, principalmente pelo aroma da bebida. Em 2014, esteve entre os campeões da 23ª edição do Prêmio Ernesto Illy de Qualidade do Café para “Espresso”, na categoria Regional Norte Nordeste.

Para 2015, a região aguarda do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), a publicação da chancela de reconhecimento da Indicação Geográfica (IG), na modalidade de Indicação de Procedência (IP) Oeste da Bahia. O registro reconhece a reputação, as qualidades e as características vinculadas à região, distinguindo o café do Oeste baiano dos similares disponíveis no mercado.*

Criado em 2006, o **Consórcio Cooperativo Agropecuário Brasileiro (CCAB)**, é uma iniciativa de cooperativas ligadas ao setor, com o objetivo de buscar registros para produtos genéricos de defensivos agrícolas, fundamentais para a conjuntura do mercado brasileiro. Atualmente, 20 cooperativas e grupos agropecuários compõem o Consórcio, com produtores presentes nos estados da **Bahia, Mato Grosso, Minas Gerais, Santa Catarina, Tocantins, Goiás, Piauí e Mato Grosso do Sul.**

Rua Teixeira da Silva, 660 - Sala 133/134
Paraíso - São Paulo(SP)
(11) 3889.5612
www.ccab-agro.com.br

A maior aliança
entre *agricultores*
da América Latina



TECNOLOGIA

Sistema vai controlar comércio e uso de agrotóxicos

TECNOLOGIA DESENVOLVIDA PELA ADAB VAI PERMITIR ACESSO AOS DADOS ATRAVÉS DA INTERNET E MELHORAR O SERVIÇO DE DEFESA SANITÁRIA VEGETAL

da **REDAÇÃO**

A implantação da plataforma de agrotóxicos no Sistema Informatizado da Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab) já é uma realidade na Bahia. A inserção desta nova ferramenta tecnológica visa proporcionar melhorias para o Serviço de Defesa Sanitária Vegetal do Estado, com maior agilidade e facilidade aos processos de fiscalização do uso e comércio de agrotóxicos, importante para o combate de pragas e doenças presentes na agricultura.

A nova plataforma será apresentada oficialmente no Bahia Farm Show - Feira de Tecnologia Agrícola e Negócios, no município de Luís Eduardo Magalhães, no período de 2 a 6 de junho deste ano. Durante o evento será explanada a evolução do Sistema Informatizado ao longo dos anos, deixando de ser físico e manual, para se tornar totalmente virtual e tecnológico.

De acordo com os responsáveis pela expertise agrônômica, Alesandro Oliveira e André Loula Tôres, a Bahia inova mais uma vez com o Módulo de Agrotóxicos, trazendo mais confiabilidade para o Serviço de Defesa Sanitária Vegetal do Estado, que terá uma base de dados mais completa, com controle das informações em tempo real. "A funcionalidade dessa nova tecnologia vai beneficiar todos os elos da cadeia, podendo ser acessada de qualquer lugar do mundo, basta ter acesso à internet", informa o coordenador do Programa de Controle do Uso e Comércio de Agrotóxicos, Raimundo Ribeiro, lembrando que a co-participação dos envolvidos, a exemplo da Associação do Comércio de Insumos Agrícolas (Aciagri), tornará o trabalho da ADAB ainda mais eficiente.

Com esta ferramenta as revendas devem solicitar e renovar cadastro na ADAB, bem como abastecer com informações de estoque dos produtos, as empresas podem pedir o registro de produtos e os Responsáveis Técnicos (RTs) vão informar os receituários agrônômicos emitidos, cumprindo com a Lei Estadual, nº 6.455, de 25 de janeiro de 1993, regulamentada pelo Decreto nº 6.033 de 06 de dezembro de 1996.

O diretor de Defesa Sanitária Vegetal, Armando Sá, esclarece que este controle torna-se necessário já que a utilização dos agrotóxi-



DESCARTE
O recolhimento das embalagens de agrotóxicos feita pela Aciagri é um dos componentes que vai fortalecer ainda mais o controle do uso desses produtos

cos é muito importante para o combate de pragas e doenças presentes na agricultura. "A fiscalização do comércio e uso de agrotóxicos e afins é de competência exclusiva dos órgãos estaduais, responsáveis pela fiscalização destes insumos. Por isso, o controle de todo processo, desde o cadastro, registro até o fiscalizatório, demandou da ADAB uma estrutura de gestão de informações para que os dados sejam registrados, armazenados e processados, gerando e disponibilizando dados de forma mais célere e confiável para planejar de forma mais eficientemente as ações futuras", informa Sá.

Como consequência, a Bahia vai conseguir preservar o meio ambiente, a saúde e segurança do aplicador, do comerciante e do profissional que faz a prescrição e supervisão a lavoura. "Como deu pra perceber, a defesa agropecuária baiana vem se modernizando ao longo destes últimos anos, inserindo novas tecnologias para oferecer um serviço de qualidade ao produtor, que está organizado em associações de renome nacional, como a AIBA e ABAPA", enfatiza o diretor-geral da ADAB, Oziel Oliveira, ratificando que um dos seus propósitos é modernizar ainda mais os processos de controle e gestão deste órgão tão importante para a agricultura e pecuária baiana. *

PROGRAMA FITOSSANITÁRIO DA BAHIA

Dois anos de conquistas e aprendizados

TÉCNICOS FAZEM HISTÓRICO DE PROGRAMA PIONEIRO NO BRASIL, QUE BUSCA ALTERNATIVAS PARA O MANEJO E CONTROLE DAS PRAGAS ATRAVÉS DE UM CALENDÁRIO DE PLANTIO, USO DE PRODUTOS BIOLÓGICOS, MONITORAMENTO DAS LAVOURAS E, PRINCIPALMENTE, PARTICIPAÇÃO E COLABORAÇÃO DO PRODUTOR

por **CELITO EDUARDO BREDÁ**
e **MARCO ANTONIO TAMAI**

Surto elevado de uma espécie de lagarta atacando maçãs no algodoeiro foi relatado em lavouras nos estados da Bahia e Piauí no mês de fevereiro/2012 (safra 2011/12). Na avaliação inicial dos técnicos acreditava-se tratar de *Heliothis virescens* (Lepidoptera: Noctuidae), uma praga comum da cultura. Contudo, a dificuldade inesperada de controle com inseticidas registrados para manejo desta espécie apontava para uma situação nova. Insetos coletados nestas áreas foram enviados para identificação, e o resultado surpreendeu a todos, por se tratar de *Helicoverpa armigera* (Lepidoptera: Noctuidae) uma espécie ainda não relatada no país (Quarentenária A1), e de grande potencial econômico. Nas lavouras atacadas houve um aumento gradativo nas doses dos inseticidas, redução no intervalo de aplicações e a identificação de moléculas mais eficientes. Ainda assim os prejuízos ocasionados pela nova praga foram estimados em aproximadamente R\$ 200,0 milhões. Nos cultivos subseqüentes ao algodão, os prejuízos se intensificaram e índices elevados de infestação ocorreram em lavouras de feijão (junho-setembro/2012) e da soja irrigada semeada em outubro/2012 no Oeste da Bahia. Um alerta foi dado pelos consultores da região e entomologistas brasileiros de que algo muito grave estava acontecendo.

Em reação a situação que se agravava, o setor produtivo do Oeste da Bahia juntamente com o Governo do Estado promo-

veu uma série de ações importantes, inicialmente com a organização, na primeira quinzena de fevereiro/2013, da “Missão Técnica-Científica à Austrália”, onde uma comitiva de 13 pessoas, entre consultores, pesquisadores, gerentes de fazenda e produtores da Bahia e outros Estados, foram conhecer com detalhes um projeto bem sucedido de convívio com *H. armigera*. A viagem foi considerada bem sucedida, e na bagagem foram trazidas as diretrizes para um programa regional apresentado em 22/fevereiro/2013 no “Fórum Regional sobre *Helicoverpa*: manejo, estratégia e controle”, em Luís Eduardo Magalhães (BA). Considerado como um dos mais importantes eventos técnicos já ocorridos na região, o Fórum contou com público aproximado de 1.500 pessoas, de diversos estados, e a programação consistiu em depoimento de produtores; relato da “Missão Técnica-Científica à Austrália”; métodos de controle e a proposta para um programa de manejo regional coletivo e de ampla adesão. Na ocasião, os prejuízos ultrapassavam R\$ 1 bilhão na região, aliado a um sentimento de insegurança sobre a produtividade das lavouras. A Secretaria de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura reconhece a gravidade da situação e declara o Estado de Emergência Fitossanitária no Oeste da Bahia, através da portaria nº 42 de 05/03/2013, visando a implementação de um plano de supressão da praga, e adoção de medidas emergenciais.

Em 07/março/2013 é criado o “Grupo Operacional de Emergências Fitossanitárias” formado pela Adab, Aiba, Abapa, Embrapa, Superintendência Federal de Agricultura (Ministério da Agricultura), Superintendência do Desenvolvimento Agrário da Secretaria Estadual da Agricultura, Aeab, Agrolém, Fundação BA, Fundeagro, Ebda, Aciagri, Faeb, Sindicato dos Produtores Rurais de Luís Eduardo Magalhães, com objetivo de propor e



FOTOS: ASCOM/AIBA

EM 2013

Comitiva com consultores, pesquisadores, gerentes de fazenda, produtores da Bahia e de outros Estados foram a Austrália conhecer um projeto bem sucedido de convívio com *H. armigera*. Abaixo (à esquerda), o entomologista australiano Dr. David Muray durante encontro técnico no Oeste que definiu padronização de ação contra a lagarta. Em janeiro de 2015, o professor Dr. Celso Omoto (ESALQ/USP) palestrou na primeira reunião do ano do grupo técnico do programa



implantar ações emergenciais eficazes para o controle da *H. armigera*. Em 16/março/2013, o Grupo Operacional cria seu Grupo Técnico subdividido em cinco áreas temáticas de trabalho: 1) Calendário de Plantio e Vazio Sanitário; 2) Calendarização do uso de inseticidas e plantas geneticamente modificadas (OGM); 3) Agentes de Controle Biológico; 4) Áreas irrigadas; 5) Controle de Pupas. Os trabalhos das áreas temáticas são conduzidos por profissionais voluntários (consultores, pesquisadores, gerentes de fazenda e produtores), em reuniões semanais, conferindo suporte técnico, propondo e avaliando as ações estratégicas de manejo regional para *H. armigera*.

Ter participado como protagonista das ações que levaram ao registro emergencial de diversos produtos químicos e biológicos de controle e monitoramento de *Helicoverpa*, junto ao Ministério da Agricultura (Mapa), em apenas 12 dias do pleito até a divulgação, pode ser creditado como das mais importantes conquistas do Grupo Operacional. Outra frente de trabalho foi de acelerar os processos de registros de variedades de algodão/soja/milho transgênicos (plantas Bt) resistentes às *Helicoverpas*.

Na primeira semana de abril/2013, o Grupo Operacional, por meio dos técnicos da Adab e Abapa, conduziram um levantamento em 257 propriedades de 6 municípios do Oeste da Bahia, constatando que o agravamento do problema com *Helicoverpa* coincidiu com os 2 anos consecutivos de seca na região, além de falhas na implementação do refúgio estruturado, uso intensivo de inseticidas não seletivos e lavouras com monitoramento de pragas deficiente e sem acompanhamento técnico adequado. Os produtores são informados, pelo Grupo Operacional, sobre a importância do plano de manejo da *Helicoverpa* para o futuro da região. No dia 12/abril, o Grupo Técnico definiu as recomendações técnicas para controle de *H. armigera* para

o final da safra, e tem início uma ampla mobilização para sua divulgação em toda a região.

No período de 21 a 24/maio de 2013, o Grupo Operacional, em parceria com o Instituto Brasileiro do Algodão (Iba), Governo do Estado da Bahia e Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa) realizaram um importante encontro técnico no Oeste da Bahia, o primeiro do gênero no Brasil, com objetivo de discutir, em conjunto com importantes entomologistas brasileiros e da Austrália (Dr. David Muray), propostas para padronização das ações de controle de *Helicoverpa* spp. para o Oeste da Bahia.

Novos eventos foram realizados nos meses seguintes em Luís Eduardo Magalhães (BA). No dia 31/maio/2013, durante a Bahia Farm Show 2013, ocorreu o “Fórum Regional sobre *Helicoverpa* - Etapa II” que tratou da biologia e danos das *Heliothinae*; o manejo de lepidópteros-praga com uso de agentes de controle biológico, inseticidas químicos e plantas Bt. No “Dia de Campo de Algodão - 2013”, no Campo Experimental da Fundação Bahia, o Grupo Técnico apresentou o plano de trabalho, com orientações técnicas de manejo da *Helicoverpa*, e a Adab fez esclarecimento sobre o estado de emergência fitossanitária na Bahia. Já o maior evento neste período foi o “Seminário Brasileiro sobre *Helicoverpa*”, realizado pela Abapa, Abrapa, Iba e Aiba, o evento contou com público estimado de 1.320 pessoas entre produtores, autoridades, pesquisadores, técnicos e consultores. Na ocasião, a Abrapa relatou resultados de um levantamento apontando para perdas de R\$ 10,7 bilhões pela praga somando os estados da Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais. O Programa Fitossanitário da Bahia foi apresentado oficialmente, com propostas de ações de manejo elaboradas pelo Grupo Técnico. O público saiu com valiosas diretrizes para um plantio mais seguro da safra, além de ser considerada uma oportunidade de aprendizado e crescimento, conduzindo para uma melhora no sistema de produção e fortalecimento da classe produtora.

No âmbito governamental, pode-se destacar a participação do Grupo Operacional de audiências na Procuradoria Geral da República (02/agosto/2013) e na Comissão de Agricultura e Política Rural da Assembleia Legislativa da Bahia (08/outubro/2013) em busca de ações emergenciais efetivas de proteção para a safra 2013/14, como a assinatura pela Presidente da República da Medida Provisória 619 que libera a aplicação do benzoato de emamectina para controle de *H. armigera* no terri-

▶ tório nacional. A MP 619 foi elaborada após a Secretaria Estadual de Agricultura chegar a obter autorização para importar o produto de forma emergencial, mas que foi apreendido pelo Ministério Público ao entrar no país.

Na primeira quinzena de outubro/2013, a Aiba lançou alerta aos produtores do Oeste da Bahia para que iniciassem a vistoria das plantas germinadas na lavoura (tigüeras, milheto ou ervas-daninhas) para a presença de *Helicoverpa*, e recomendou a antecipação da dessecação para não ocorrer uma grande disseminação de mariposas quando as culturas plantadas emergissem. Neste mesmo mês, representante do Grupo Operacional participa de viagem técnica a Rotterdam, na Holanda (23/outubro), para conhecer uma das maiores empresas de produção de agentes de controle biológico no mundo. Já nos dias 25 e 26/outubro/2013 participam do “Primeiro Seminário da Cultura do Algodão” nas cidades de Brumado e Tanhaçu situados na região Sudoeste do Estado.

Em uma importante reunião do “Grupo Operacional de Emergências Fitossanitárias”, no dia 30/outubro/2013, em Barreiras-BA, é validado o “Programa Fitossanitário da Bahia”, marcando o início da Segunda Fase das ações de manejo de *Helicoverpa* em nível regional. O Grupo Técnico é integrado ao Programa Fitossanitário, e a estrutura é mantida com as mesmas cinco áreas temáticas de trabalho: 1) Calendário de Plantio e Vazio Sanitário; 2) Calendarização do uso de inseticidas e plantas geneticamente modificadas (OGM); 3) Agentes de Controle Biológico; 4) Áreas irrigadas; 5) Controle de Pupas. Na avaliação das ações da Primeira Fase, dedicada à divulgação das ações de manejo, os resultados foram considerados muito positivos, com os produtores mais conscientes sobre a necessidade de utilização de ferramentas de monitoramento e controle. No âmbito governamental, as associações conseguiram mobilizar os governos federal e estadual para a aprovação de novas moléculas. Os resultados já refletiam na redução dos índices de infestação das lavouras, comparado ao mesmo período do ano anterior.

Definida a estratégia para as ações no campo, o Programa Fitossanitário passa a ser apresentado nas comunidades agrícolas do Oeste da Bahia pelo Grupo Técnico, Aiba e “Programa de Monitoramento e Controle do Bicudo” da Abapa. Simultaneamente, o “Programa de Monitoramento e Controle do Bicudo” intensificou as vistorias nas propriedades para a presença de restos culturais com *Helicoverpa* durante o vazio sanitário, além de reunir informações sobre coleta de mariposas em armadilhas informações estas disponibilizadas em relatórios semanais.

No período de dezembro/2013 a janeiro/2014, o Programa Fitossanitário é apresentado aos produtores nas localidades de Barreiras, Luís Eduardo Magalhães, Rosário, Coaceral, Formosa do Rio Preto, Correntina e Estrada do Café. Nestas reuniões, os produtores tiveram oportunidade de discutir sobre os resultados práticos das recomendações propostas pelo Grupo Técnico desde sua criação em março/2013. Neste período, o Programa lança a Cartilha intitulada “Ações de manejo da *Helicoverpa armigera*”, com importantes recomendações de manejo da praga

SAIBA MAIS

O Programa Fitossanitário da Bahia foi criado baseado no Manejo Integrado de Pragas (MIP), cujos procedimentos estão divididos em quatro grupos:

Controle Cultural

Delimitação do vazio sanitário, calendário de plantio definido e monitoramento de insetos.

Controle Biológico

Uso de tabela de seletividade para preservação de inimigos naturais e inseticidas biológicos a base de Bt e vírus.

Controle de OGM

Adoção de porcentagens de refúgio estruturado que preservem a tecnologia Bt por mais tempo (20% algodão e milho, 50% soja).

Controle Químico

Uso racional de inseticidas visando reduzir o risco de resistência.

PRAGAS DE MAIOR OCORRÊNCIA

<i>Helicoverpa armigera</i>	Ataques em todas as culturas.
<i>Spodoptera</i>	Ineficiência da tecnologia Bt em milho.
Falsa medideira	Intensos ataques nas lavouras de soja na safra 2013/14.
Mosca branca	Problema crescente que precisa de atenção.
Bicudo	Conscientização na eliminação de soqueiras de algodão.

FONTE: PROGRAMA FITOSSANITÁRIO DA BAHIA

propostas pelo Grupo Técnico, tornando-se uma referência para todo o país.

No evento intitulado “Manhã de formação sobre o manejo de *Helicoverpa armigera*”, promovido pela Aiba e Abapa em Barreiras (18/janeiro/2013), as recomendações técnicas do Programa Fitossanitário são apresentadas aos produtores familiares de diversos municípios do Oeste da Bahia. Houve uma grande interação entre as partes, e ao final do evento ficou a percepção de que os produtores estavam mais seguros para o manejo da *Helicoverpa*.

O Grupo Operacional reúne-se em 21/fevereiro/2014, e anteriormente em 30/outubro/2013, com diversos pesqui-



EM LUÍS EDUARDO MAGALHÃES

Ezelino Carvalho, consultor que participou da Missão Austrália e contribuiu para a construção do programa, no Fórum Regional da *Helicoverpa*

sadores colaboradores definindo que a área de refúgio estruturado ideal para a preservação das tecnologias Bt para o Oeste da Bahia é de 50% para a soja, e de 20% para milho e algodão. A medida será oficializada e fiscalizada pelos órgãos de Defesa Agropecuária do Estado, cujo objetivo é o prolongamento máximo da eficiência desta tecnologia, sobretudo na soja. A proposta foi submetida a Embrapa para um parecer oficial.

Em reunião do “Programa Fitossanitário da Bahia” em 15/março/2014, o Grupo Técnico é reorganizado em seis comissões (áreas temáticas de trabalho) com objetivo de otimizar os esforços e conferir maior agilidade a troca de informações: 1) Calendário de plantio, vazio sanitário e irrigantes; 2) Inseticidas e Organismos Geneticamente Modificados (OGM); 3) Agentes de Controle Biológico; 4) Outras pragas; 5) Pesquisa e difusão e 6) Comunicação. Esta nova formatação, além da atualização das recomendações técnicas de manejo de *Helicoverpa*, são apresentadas durante a Bahia Farm Show 2014 no final de maio/2014.

Durante o mês agosto/2014, o Programa Fitossanitário reúne aproximadamente 500 pessoas entre produtores e técnicos, principalmente, em 10 comunidades agrícolas (Barreiras, Bela Vista, Cascudeiro, Coaceral, Luís Eduardo Magalhães, Novo Horizonte, Panambi, Placas, Roda Velha e Rosário) para reforçar as recomendações do Programa para a safra 2014/15, em especial sobre a importância do refúgio estruturado como estratégia de manejo da resistência de insetos a plantas Bt. Nestes encontros, é apresentada e distribuída a Cartilha intitulada “Programa Fitossanitário da Bahia - Safra 2014/2015”, elaborada pelo Grupo Técnico, contendo importantes atualizações nas recomendações de manejo de *H. armigera*. A cartilha pode ser obtida no site da sede da Aiba em Barreiras, ou pelo site (<http://www.aiba.org.br>).

No dia 01/outubro/2014 é publicada no Diário Oficial da União a Portaria nº 953 do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), estabelecendo a composição do “Grupo técnico-científico sobre manejo da resistência (GTMR) de insetos-praga a proteínas isoladas de *Bacillus thuringiensis*” com objetivo de assessorar o Mapa na elaboração das recomendações sobre o assunto. O coordenador-geral do Programa Fitossanitário da Bahia, Celito Eduardo Breda, torna-se o representante do setor produtivo brasileiro e da Bahia neste Grupo, tendo como atribuição acompanhar o desempenho das tecnologias de plantas Bt quanto à eficiência no controle das pragas-alvo indicadas, e a avaliação dos resultados de monitoramento de resistência conduzidas pelas empresas detentoras das tecnologias. Vale mencionar que o

Grupo Operacional e o Programa Fitossanitário da Bahia, desde sua criação, sempre mantiveram permanente interlocução com as empresas detentoras das tecnologias Bt discutindo as bases técnicas da estruturação das áreas de refúgio (15/janeiro/2014 e 30/maio/2015), e as falhas de controle das pragas-alvo destas tecnologias em especial no milho (maio/2014), dentre outras reuniões técnicas. Resultados preocupantes sobre a perda de eficiência das tecnologias Bt no milho para controle de *Spodoptera frugiperda* (Lepidoptera: Noctuidae) são apresentados pelo Grupo Técnico na segunda edição do workshop “Divulgação dos resultados de pesquisa, safra 2013/14” organizado pela Fundação Bahia em 12/setembro/2014 em Luís Eduardo Magalhães (BA).

A primeira reunião do Grupo Técnico do Programa Fitossanitário em 2015 ocorreu no dia 21/janeiro, e contou com a presença do Prof. Dr. Celso Omoto (ESALQ/USP). Importantes conquistas do Programa foram celebradas, dentre elas: 1) Redução dos prejuízos causados por *H. armigera* através da difusão de estratégias de manejo; 2) Melhora no monitoramento das lavouras; 3) Solicitação ao Ministério da Agricultura para aprovação de 54 produtos com registro emergencial, e 1 para uso emergencial o que ocorreu em tempo recorde; 4) Solicitação ao Ministério da Agricultura para a criação de um Comitê técnico-científico nacional para avaliação do manejo da resistência o que resultou no surgimento do Grupo Técnico de Manejo da Resistência (GTMR); 5) Parcerias com instituições como ESALQ/USP e Embrapa para o desenvolvimento de trabalhos de pesquisa para avaliar o manejo da resistência de lepidópteros-praga a inseticidas e plantas Bt; 6) Redução dos riscos a produção agrícola regional.

Com referência aos produtos de registro e/ou uso emergência, representantes do Grupo Operacional reuniram-se em 06/março/2015, com o Secretário Estadual de Agricultura e Diretor Geral da Adab para ações conjuntas em vista ao registro definitivo destes produtos, conferindo assim maior segurança para a produção agrícola regional. No mesmo mês a equipe participou do Fórum do Programa Fitossanitário da Bahia em Luís Eduardo Magalhães, evento que discutiu o Manejo Integrado de Pragas (MIP), as recomendações feitas pelo Comitê Brasileiro de Ação à Resistência de Inseticidas (IRAC-BR); decidiu-se também, entre os agentes do programa e as empresas detentoras das tecnologias de OGM que, para o milho, a área de refúgio estruturado é de 10% e, para algodão e soja, 20%. Outra discussão nesse período envolveu a criação de um programa fitossanitário brasileiro para o bicudo do algodoeiro. Entre os dias 1 e 4 de setembro, a equipe do programa da Bahia vai participar da comissão científica do 10º Congresso Brasileiro do Algodão, em Foz do Iguaçu.✱

CELITO EDUARDO BREDA é engenheiro agrônomo e coordenador do Grupo Técnico do Programa Fitossanitário da Bahia.

MARCO ANTONIO TAMAI é engenheiro agrônomo, professor da Universidade do Estado da Bahia e membro do Grupo Técnico do Programa Fitossanitário da Bahia.

Plantio direto: alternativa inteligente para conservar o ambiente de produção



por **IVAN CARDOSO FERREIRA e LUIZ ANTONIO PRADELLA**

Engenheiro agrônomo, mestre em Produção e Tecnologia de Sementes, especialista em manejo da fertilidade dos solos e consultor de inovação agrícola.



Adminitrador de empresas, MBA em Gestão Estratégica do Agronegócio e produtor rural.

O Sistema de Plantio Direto (SPD) atualmente é considerado importante ferramenta conservacionista. As décadas de desenvolvimento e aperfeiçoamento fizeram com que este sistema seja reconhecido pela comunidade científica, técnica e política como uma das ações de manejo mais importantes para a conservação do ambiente de produção.

O SPD é a mais importante ação ambiental brasileira em atendimento às recomendações da conferência da Organização das Nações Unidas (Eco-92) e da Agenda 21 brasileira, indo ao encontro do que foi acordado na assinatura do Protocolo Verde (www.wwf.org.br).

Atualmente o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) tem investido através do programa Agricultura de Baixo Carbono (ABC) na difusão da tecnologia, disponibilizando capital para que os produtores cada vez mais adotem práticas que neutralizem as consequências dos gases de efeito estufa gerados pelas atividades agropecuárias (TORIYAMA, 2013).

A manutenção de restos vegetais na superfície do solo, além de elevar a umidade do solo e reduzir a variação de temperatura, acarreta benefícios para a planta e para o próprio solo através da manutenção da atividade microbiana (GASSEM & GASSEM, 1996).

No Oeste baiano a manutenção da cobertura morta do solo é um dos desafios enfrentados pelos agricultores. Diante das condições de temperatura, radiação solar e da janela de plantio



TRATO DO SOLO
Acima, área pronta para a semeadura de soja após safra conduzida sob o consórcio de Milho + *B. brizantha* cv *Piatã*. Abaixo, detalhe da biomassa produzida em área de segundo ano de plantio após abertura de área

existente, de acordo com Toriyama 2013, a escolha e a forma de manejo das espécies fornecedoras de cobertura vegetal é de extrema importância para o sucesso do plantio direto de qualidade.

A rotação de culturas, focando inserir uma gramínea no sistema de produção é a melhor opção para a formação de bio-

massa. Atualmente a cultura chave para a manutenção de cobertura vegetal de qualidade é o milho, principalmente quando consorciado com algumas espécies de gramíneas, como as do gênero *Brachiaria*. Este consórcio entrega bons níveis de ciclagem de nutrientes e alta relação C/N, o que impacta na manutenção da cobertura por um período mais prolongado. Porém, no cenário atual de ocupação da região oeste, o cultivo desta espécie vem enfrentando alguns desafios que ultrapassam a barreira técnica de produção. Os entraves passam pela logística de armazenamento, transporte e a comercialização, muitas vezes realizada em volumes parcelados o que dificulta o planejamento da propriedade.

Outra opção para a formação de biomassa, que já é uma realidade na região, é a sucessão de culturas. Neste caso as espécies que vem entregando melhores resultados além das *Brachiarias* são o sorgo e o milheto, que são cultivados após a colheita da soja.

Preocupados com a sustentabilidade das propriedades exploradas pelo Grupo Pradella, o trabalho de formação de biomassa para viabilizar o SPD foi iniciado ainda no estado do Paraná em 1984 utilizando como planta de cobertura a aveia preta. Na época não haviam máquinas adequadas para realizar o plantio em meio à elevada concentração de biomassa (palhadas), com isso, iniciava-se ali uma série de adaptações e adequações que, por sua vez, só entregaram resultados satisfatórios em 1994. Data em que realmente foi possível ter êxito.

Desde então o empenho é grande para a formação e manutenção de biomassa na superfície do solo, já que o SPD de qualidade entrega maior estabilidade e sustentabilidade ao negócio como um todo.

A adoção de um percentual da área para plantio de milho, na época solteiro, e há 8 anos em consórcio com *Brachiarias* deram ao Grupo a certeza de poder manter o SPD de qualidade e agregar mais produtividade e maior facilidade no manejo, principalmente no controle de plantas invasoras.

Atualmente, cultivamos entre 25 a 33% da área com milho consorciado. O restante da área é ocupado com soja convencional. Na próxima safra o planejamento inicial aponta uma redução da área de soja convencional em função da inserção de cultivares de soja com tecnologia intacta.

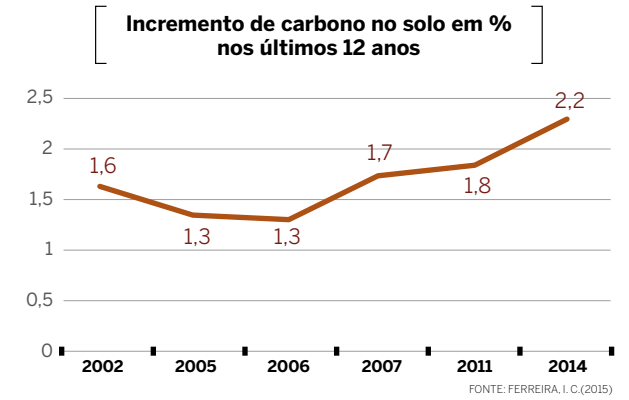
Curiosidade

Realizando uma compilação dos dados referente às análises de solo no perfil 0 a 20 cm em um dos talhões cultivados pelo Grupo pode-se verificar o incremento de aproximadamente 0,8% de Carbono/ha no solo, saindo de 1,6 % no solo original com vegetação nativa para 2,2% após 10 anos de cultivo sob o SPD de qualidade, ausência de revolvimento do solo neste período e rotação de culturas (Soja + Milho consorciado com *Brachiaria*).

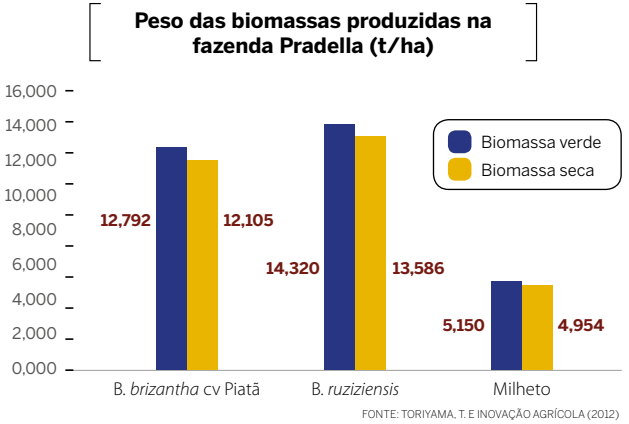
Considerando um solo com densidade aproximada de 1,2 kg/dm³ teríamos um incremento de 13,7 toneladas de Carbono por hectare no período de 10 anos. O que equivale a 49,3 toneladas de Dióxido de Carbono (CO₂) em um hectare. Esse volume representaria um acúmulo médio equivalente ao de 165 árvores com 10 anos de vida (www.brasildiverso.blogspot.com.br).

Teor (%) de macronutrientes contidos na matéria seca das Palhadas						
	N	P	K	Ca	Mg	S
<i>B. brizantha</i> cv Piatã	1,68	0,07	1,07	0,3	0,32	0,22
<i>B. ruziziensis</i>	1,74	0,08	2,4	0,1	0,31	0,22
Milheto	1,57	0,05	2,07	0,5	0,36	0,25

FONTE: TORIYAMA, T. E INOVAÇÃO AGRÍCOLA (2012)



FONTE: FERREIRA, I. C. (2015)



FONTE: TORIYAMA, T. E INOVAÇÃO AGRÍCOLA (2012)

Outro comparativo interessante seria a quantidade de Diesel consumida por um veículo 2.0 com um rendimento médio de 10 km/l.

Neste caso se considerarmos que tal veículo emitisse 0,254 kg de CO₂ por quilometro percorrido, a quantidade de Carbono acumulada no solo em um hectare poderia neutralizar a emissão de CO₂ referente à queima de 19.437 litros de Diesel (www.brasildiverso.blogspot.com.br).

Bibliografias Consultadas

GASSEN, D. N.; GASSEN, F. R. Semeadura direta. Passo Fundo: Aldeia Norte, 1996. 207 p.
<http://www.wwf.org.br/naturezabrasileira>. Consultado dia 03/05/2015.
<http://brasildiverso.blogspot.com.br>. Consultado dia 09/05/2015.
TORIYAMA, T. Avaliação da Produção de Biomassas no Grupo Juliani. Luís Eduardo Magalhães, 2013.

Jovens para a agricultura

CURSO COM DURAÇÃO DE 10 MESES, 800 HORAS E PROJETO PEDAGÓGICO CADASTRADO NO MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO JÁ FORMOU MAIS DE 100 JOVENS

por **IVANA DIAS**

Iniciado em 2013, o Programa Jovem Aprendiz já formou duas turmas de estudantes com idade entre 17 a 23 anos, oriundos de instituições de ensino públicas, escolas agrotécnicas ou filhos de produtores do Vale. Atualmente, 120 estão matriculados - são mais duas turmas que devem ser certificadas até o final desse semestre. O projeto surgiu a partir de um entendimento entre Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba) e o Sindicato dos Produtores Rurais de Barreiras (SPRB), com o objetivo de sanar a deficiência da contratação de Jovens Aprendizes no segmento rural na região Oeste e o cumprimento da lei trabalhista.

Para que o projeto fosse colocado em prática, foi fundamental a parceria com a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do Rio São Francisco e do Parnaíba (Coodevasf), Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Faeb) e Centro Territorial de Educação Profissional (Cetep). O Ministério do Trabalho e o Ministério Público do Trabalho apoiam a iniciativa e acompanham as atividades desde sua implantação.

“A sociedade entendeu a importância desse projeto para nossa região e se integrou. Os jovens muitas vezes não têm uma perspectiva

de renda, de trabalho e de desenvolvimento urbano. Independente de conseguirem ou não emprego de imediato logo após o curso, com certeza eles estarão mais preparados para aplicar tecnologias em propriedades rurais do Vale, na agricultura familiar ou não. Isso pode abrir também o horizonte para o nível superior em áreas como agronomia, veterinária, zootecnia ou correlatas”, explicou o coordenador do projeto e superintendente executivo da Aiba, Helmuth Kieckhöfer.

Como funciona

Os participantes são indicados ao processo seletivo do Sindicato dos Produtores Rurais de Barreiras e dos gestores de recursos humanos das fazendas integrantes do projeto. Os selecionados são efetivados com a contratação em carteira de trabalho, o que lhes proporciona uma ajuda de custo média de meio salário mínimo durante o curso.

Na capacitação são ministradas aulas dos componentes curriculares de habilidades básicas como Competência Interpessoal e Integração no Trabalho e Cidadania, Comunicação Oral e Escrita, Matemática, Saúde do Trabalhador Rural, Segurança no Trabalho e Gestão. No módulo de Núcleo Específico, o estudante escolhe qual cultura trabalhar (soja ou algodão) e põe em prática o conhecimento teórico, sob a responsabilidade da empresa contratante (propriedade rural), monitorada pelo Senar.

“As escolas normais trabalham pouco a competência interpessoal e as habilidades básicas são importantes

FOTOS: ASCOM/AIBA



ORGULHO EM APRENDER

Depois de quase um ano de estudo entre a sala de aula e o campo, estudantes das primeiras turmas festejam a conclusão do curso no pátio da escola construída pelo projeto



“

Foi uma ótima oportunidade aliar a prática com os conhecimentos teóricos. Isso vai me ajudar muito. Pretendo prestar vestibular pra agronomia”



CARLA CAROLINE,

19 anos, há seis meses no Programa Jovem Aprendiz. Trabalha na fazenda Santana, do Grupo Franciosi

para o relacionamento entre os colegas no ambiente da empresa. Sem contar, que esses pontos são, às vezes, limitantes até para passar em uma entrevista de emprego e eles não têm esse preparo”, disse Kieckhöfer. A capacitação tem duração é de 10 meses, período em que os jovens cumprem carga horária de 800 horas, quatro horas diárias em horário oposto ao ensino básico. A grade curricular faz parte do projeto pedagógico formatado pelo Senar, cadastrado pelo Ministério do Trabalho e Emprego em Brasília e regulamentado pelo Ministério do Trabalho.

Fazenda modelo

O programa realizado em Barreiras tem um diferencial dos demais que acontecem no Brasil. Devido a grande distância das propriedades rurais da região, foi criada a Fazenda Modelo, localizada a 250Km de Barreiras, na rodovia em direção ao município de Angical, no Núcleo da Coordenação da Codevasf. A área de sete hectares foi doada pela instituição.

Na fazenda está montada toda estrutura para que os trabalhadores possam participar das aulas teóricas e práticas, com a possibilidade de conviver mais próximo da realidade rural da região. Nas aulas práticas eles podem ir a campo com a orientação dos monitores do Senar e têm ainda à disposição, salas de aula, auditório e projetores multimídia. Toda a estrutura é mantida com o aporte de verbas dos produtores rurais da região, que subsidiam a manutenção e custeio da Fazenda Modelo, desde os funcionários - técnico agrícola, trabalhador rural e uma merendeira, ao pagamento da ajuda de custo dos Jovens Aprendizes registrados em carteira de trabalho.

“Os jovens aprendizes das demais localidades do país trabalham dentro de uma propriedade rural. Os nossos - e esse é o diferencial! - trabalham dentro de uma fazenda modelo, com toda a modernidade e tecnologia para que possam vivenciar o dia a dia e a realidade do campo. Esse projeto foi elogiado pelo presidente da Faeb, João Martins, que prontamente nos atendeu e forneceu toda a infraestrutura para que essas turmas comessem de imediato. O incentivo e ação da Faeb foram primordiais”, enfatizou o presidente do Sindicato dos Produtores Rurais de Barreiras, Moisés Schmidt.

Investimentos

Investimentos na área estão sendo feitos de acordo com as necessidades. Em parceria com o Ministério Público do Trabalho serão investidos R\$ 153 mil na construção dos vestiários, de um laboratório de identificação de pragas, ervas daninha e fitotecnia e, investimentos em móveis para a cozinha, para tornar a Fazenda Modelo o mais próximo possível da realidade atual do campo, principalmente na área de grãos e algodão.

Próximas etapas

O projeto Jovem Aprendiz no campo ainda não foi concluído, as próximas etapas serão a seleção da quinta e sexta turma de trabalhadores. As inscrições já estão abertas e podem ser realizadas na sede do Sindicato dos Produtores Rurais de Barreiras. São 30 vagas para as culturas de grãos e algodão, cada. A capacitação inicia da primeira quinzena de junho. As instituições organizadoras e apoiadoras do projeto irão trazer mais uma opção de curso, o de Supervisor de Fazendas, voltado para área de gestão da propriedade rural, com possibilidade de 30 vagas. “Esse projeto jovem aprendiz na área rural em ambiente controlado da Fazenda Modelo foi início de um trabalho, nós não vamos ficar limitados aos cursos das culturas de grãos e algodão. À medida que isso for amadurecendo e estruturando mais ainda a fazenda, vamos oferecer formações, qualificações profissionais em outros cursos vinculados ao Senar, com a garantia de certificação curricular que permita o desenvolvimento, a inserção no mercado de trabalho e o desenvolvimento de propriedades rurais do Vale”, concluiu Kieckhöfer. ✨

SENAR, CAPACITANDO O HOMEM DO CAMPO



Produtores durante aula prática do curso sobre formação técnica em gado de corte, desenvolvido em parceria com a Embrapa e o Sindicato dos Produtores Rurais de Barreiras



No início da década de 90, Mario Mascarenhas, veterinário, ingressou no ramo da pecuária de corte, alugando pastos e engordando garrotes, logo em seguida adquiriu sua primeira propriedade. Com espírito empreendedor e inquieto participou de seminários, palestras e visitas às propriedades em outras regiões, com o objetivo de aprimorar sua atividade.

O caminho para a pecuária lucrativa apontava para o uso de tecnologias e gestão empresarial do negócio, este foi o caminho trilhado por ele e teve como resultado no período de 2008 a 2011, crescimento de 40% ao ano do rebanho.

Diante do enorme crescimento, surgiu a necessidade de contratação de consultoria para auxiliar na gestão e montou equipe visando a profissionalização das ações, o aumento da produtividade e rentabilidade. Teve como resultado no ano de 2013, 5.100 bovinos terminados e no ano seguinte, 9.030 animais em mil hectares, com uma produção de 27.830@.

Para alcançar os índices de produção, Mascarenhas investiu e aplicou as seguintes tecnologias: correção de solo, modulação das áreas, currais planejados, manejo de lotação rotacionada, suplementação, sistema de água em caixa de placa de cimento para diminuir verminoses e doenças.

Em busca de conhecimento e de novas tecnologias para dar maior suporte aos novos desafios produtivos, Mario Mascarenhas, ingressou no Curso de Formação Técnica Continuada em Gado de Corte, do **SENAR** Bahia, em parceria com o Sindicato dos Produtores Rurais de Barreiras e a Embrapa Gado de Corte. O **SENAR** tem como missão realizar educação profissional e promoção social das pessoas do meio rural, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e para o desenvolvimento sustentável do país.

Além da Especialização de Gado de Corte o Senar tem diversos programas na região oeste como o Pró-Senar que qualifica os participantes das diversas cadeias produtivas, aplicando as técnicas de produção, prestando assistência técnica, respeitando a legislação vigente, monitorando os resultados com vistas à melhoria da produtividade, eficiência competitiva das propriedades e qualidade da família rural. E também programas sociais como o Jovem Aprendiz e o Despertar.

GENÉTICA

por **CELITO MISSIO**

A última safra de soja foi turbulenta em relação ao comportamento do clima, marcada por forte estiagem no mês de janeiro e excesso de chuvas no período da colheita. Mesmo assim, alguns índices excepcionais de produtividades foram registrados, os quais não eram vistos nem almejados em escala.

Trata-se de produtividades acima de 80 sacas de soja por hectare, obtidas em talhões comerciais de diferentes propriedades da Bahia e de estados vizinhos, com relatos de produtores que registraram colheitas de até 90 sc/ha em partes de suas lavouras. O que parecia inconcebível, deixou de ser com as novas tecnologias embarcadas nas sementes. Isto significa que os padrões de referência em produtividade mudaram e almejar tais índices já é uma realidade.

Para isso, se faz necessário um alinhamento perfeito dos principais recursos naturais e tecnológicos de produção como clima, solo, insumos, manejo, etc. Dentre estes fatores, as sementes ocupam a posição de maior importância, seja pela sua qualidade necessária para um bom estabelecimento da cultura, ou pelas tecnologias indutoras de produtividades que integram sua carga genética.

Novas cultivares com maior potencial produtivo, incluindo resistências a pragas e doenças, bem como tolerância a herbicidas, estão chegando ao mercado a cada ano. Fruto da pesquisa e inovação, esta tecnologia é repassada aos agricultores através do dedicado trabalho dos multiplicadores de sementes licenciados pelos seus obtentores.

Diante do novo potencial produtivo da soja, elevou-se o grau de exigência com o padrão de qualidade da semente, já que o sucesso da lavoura resulta de uma densidade populacional adequada e uniforme, formada por plantas vigorosas e saudáveis. Embora isto represente um investimento maior por parte do produtor, é neste insumo que a relação entre custo e benefício

Sementes com maior potencial produtivo chegam ao mercado

NOVAS TECNOLOGIAS COMBINADAS AOS RECURSOS NATURAIS TORNARAM REALIDADE A PRODUTIVIDADE DE ATÉ 90 SC/HA EM ALGUMAS LAVOURAS DA BAHIA



ASCOM/AIBA

NA LEI

As sementes diferenciadas podem ser adquiridas com produtores legalizados no Ministério da Agricultura. Isso garante níveis de germinação, vigor e sanidade na lavoura

oferece os melhores resultados. Para isso, a aquisição das sementes de multiplicadores credenciados é fundamental.

Isto porque, um produtor de semente legalizado cumpre normas do Ministério da Agricultura desde a produção até a entrega para o futuro plantio. A garantia dos níveis de germinação, vigor e sanidade demandados para implantar uma lavoura produtiva passa por investimentos em estrutura de produção, bem como por procedimentos legais e técnicos adotados por estes multiplicadores.

Também cabe destacar os serviços que são oferecidos por uma empresa multiplicadora, especialmente o Tratamento Industrial de Sementes (TSI), através do

qual o agricultor usufrui do conforto e segurança de receber suas sementes prontas para o plantio, sem a preocupação com os riscos que esta prática pode provocar quando realizada na propriedade.

A evolução no processo de P&D tende a agregar mais inovações com foco em índices de produtividades maiores e, o recolhimento adequado dos royalties é o financiamento para isto. Portanto, a aquisição de sementes de produtores legalizados garante a continuidade deste processo e oportuniza que o agricultor obtenha safras com melhores resultados.*

CELITO MISSIO é presidente da Associação dos Produtores de Sementes do Estado da Bahia (Aprosem-Ba)

Entender o presente para garantir o futuro



por **CÍSINO LOPES**

Engenheiro agrônomo pela UnB e diretor de Águas e Irrigação da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba), especialista em pedologia.

Quando qualquer visitante chega ao Oeste da Bahia, especialmente quem vem de carro pela BR-020, ao passar pela fronteira entre Goiás e Bahia, na região de Rosário, toma um choque ao visualizar as imensas lavouras de soja, milho, algodão e outras. Todas bem cuidadas com uniformidade de “stands” impressionante, num cenário extraordinário. Depois da surpresa passam, então a entender porque o Oeste da Bahia é considerado a principal fonte de abastecimento de grãos do Nordeste. Tive oportunidade de assistir o espanto e a grande admiração de passageiros de ônibus que estavam vindo do sertão nordestino, encantando-se com “tantas riquezas”. Mesmo quem já está acostumado com a região não deixa de se sentir muito orgulhoso de participar desse fantástico desenvolvimento agrícola.

A beleza visual é real, entretanto, a sociedade em geral não entende os grandes desafios que os produtores enfrentam para manter as suas atividades em pleno funcionamento. Apresento aqui apenas alguns eixos desafiadores aos produtores:

- a) **Legislação Ambiental:** os desafios são intermináveis. Antes de se conseguir cumprir determinadas normas, outras já estão aparecendo. Dentro deste emaranhado de leis, decretos, resoluções, etc. aparecem os nós, ou seja, quando não se tem como cumprir tudo o que é previsto;
- b) **Área trabalhista:** é grande a dificuldade em cumprir inteiramente todas as normas apresentadas, em face da dificuldade de mão de obra especializada e limitados recursos financeiros;
- c) **Segurança no campo:** as fazendas são assaltadas sistematicamente causando enormes prejuízos e insegurança aos produtores e respectivos colaboradores;
- d) **Infraestrutura:** principalmente em estradas vicinais, o desafio é muito grande, exigindo dos produtores cotização financeira para melhorar os acessos às propriedades;



ESTUDO E MEIO AMBIENTE

Equipe técnica em atuação no projeto Agricultura Sequestradora de Carbono, para medir o teor da matéria orgânica dos solos do cerrado. À direita, evento sobre Áreas de Preservação Permanente

Outros desafios não menos importantes se apresentam, e exigem atenção do setor, tais quais: logística de transporte; Elevados custos de produção, decorrente de ataques surpresa de pragas e doenças, que se beneficiam do clima tropical; crédito agrícola deficiente; seguro agrícola praticamente inexistente; clima desfavorável especialmente nas três últimas safras; e, a insegurança jurídica.

Dentro deste cenário lindo, surge do meio das lavouras a figura que deveria, neste Brasil, ser reverenciado. O produtor agrícola. Este profissional, no meio de tantas dificuldades, consegue manter as gôndolas dos supermercados abastecidas com produtos de alta qualidade e preços extremamente baixos. Estou sempre nos supermercados comprando as necessidades primárias e fico admirado como podemos ter alimentos acessíveis. Só para lembrar, um quilo de feijão, óleo de soja, arroz, frango, é mais barato do que uma garrafa de cerveja.

Diante desse sucinto retrato da nossa realidade, para melhorar e corrigir possíveis rumos para o futuro agropecuário da região, as instituições representativas da classe vêm adotando atitudes para enfrentar as dificuldades que sempre se apresentam num setor suscetível ao acaso. A Aiba, em especial, ampliou sua equipe técnica, direcionando os temas para setores competentes, que estão imbuídos de apresentar propostas que contribuam para o crescimento sustentável da economia do



Oeste da Bahia. Na área ambiental, entre outros projetos destacam-se: a implantação do Centro de Apoio Ambiental, objetivando orientar os produtores a cumprirem rigorosamente as normas estabelecidas; a elaboração do Plano de Manejo e Proteção da APA do Rio de Janeiro; Apoio ao CEFIR, mantendo equipe para orientar os produtores a realizarem com sucesso os seus cadastramentos; e, Delimitação de APP's em veredas dos rios do Oeste da Bahia, a fim de facilitar o CEFIR.

Na área técnica estão sendo conduzidos projetos com apoio das universidades e respectivos pesquisadores, tais quais: UFOB, UNEB, FASB e UNB. Os projetos atuais são: (a) Agricultura Sequestradora de Carbono, através do qual se pretende comparar o teor de matéria orgânica de solos dos cerrados em seu estado natural e a quantidade de matéria orgânicas acrescida nos solos após o plantio direto. (b) Avaliação dos perfis de solos quanto ao nível de compactação para verificar se temos interferência na produtividade por falta de desenvolvimento do perfil do solo; (c) Avaliação da qualidade das águas superficiais e subterrâneas quanto à possibilidade de contaminação por agroquímicos, para entender se este problema está de fato ocorrendo; e, (d) estudo da ocorrência de nematoides na região para orientar os produtores como conviver com esta praga de solos, fruto de uma parceria firmada entre a Aiba e UNB.

Para o exercício de 2015 serão ainda implantados os projetos: Conservação de Solos e Água, com o qual pretende-se contribuir para a recarga do aquífero Urucuia visando ampliar a oferta de água para múltiplos usos; e, mapeamento e localização das áreas em processo de antropização nas veredas dos rios do Oeste da Bahia.

Estes estudos serão fundamentais para orientar as políticas a serem adotadas para enfrentar as diversidades futuras, principalmente a possível convivência com clima menos favorável à agricultura desta região. Particularmente sou muito otimista com um futuro ainda melhor do que o atual, porque temos bases sólidas instaladas: Produtores muito competentes e organizados. Com estas e outras ações sustentáveis desenvolvidas pelo setor no presente, formaremos as bases para que tenhamos no futuro, um cenário lindo de ver e um progresso sólido internamente.✱

Seu artigo científico
pode estar na
próxima edição da
revista Aiba Rural.

Envie seu texto!

Nosso conselho
editorial formado
por especialistas,
mestres e doutores
terá o maior prazer
de avaliá-lo para
publicação.

aiba
RURAL
A revista do agronegócio da Bahia

Nematóide aqui não tem vez!

Cultivares com Ampla Resistência a Nematóides

BRS 7980

- Ampla Resistência a Nematóides (Cisto, Galhas)
- Tolerância a Chuva na Colheita

BRS 8280 RR

- Resistência a Nematóides
- Produtividade nas Áreas de Refúgio de Intacta

SOJA

ASCOM/AIBA

Oeste da Bahia: uma região de origem sustentável

SOJA PLUS AMPLIA ATUAÇÃO NO PAÍS, CONTRIBUI PARA A CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS E SEGURANÇA JURÍDICA NAS ATIVIDADES PRODUTIVAS

por IVANIR MAIA

Realizado como um Programa de Gestão Econômica, Social e Ambiental da Propriedade Rural, o Soja Plus foi implementado em 2011 no Mato Grosso e atualmente contempla também a Bahia, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. Da parceria inicial entre a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove), Aprosoja MT e Senar MT, o programa avançou fronteiras e multiplicou parcerias.

Na Bahia, o Soja Plus é fruto da ação conjunta entre Aiba e Abiove, e em breve novos parceiros farão parte deste importante movimento pela sustentabilidade da sojicultura. O que se busca com a implementação deste programa é a melhoria conjunta das propriedades rurais consolidadas no estado, seguindo preceitos das legislações vigentes, a fim de se obter o reconhecimento de origem sustentável, fortalecendo desta maneira não somente o mercado nacional, como também o mercado internacional, destaca o Diretor de Relações Institucionais da Aiba, Ivanir Maia.

A importância do programa é trazer o discurso da sustentabilidade para a prática. “É isso que o Soja Plus quer transmitir aos produtores. Queremos levar a eles as informações de que precisam para atender às exigências do mercado. O consumidor de fora, principalmente o europeu, quer saber a origem da soja e se ela é sustentável”, relata o Presidente da Abiove Carlo Lovatelli.

FOTOS: SYC



SOJICULTURA

Programa desenvolvido na Bahia em parceria com a Aiba e a Abiove garante a origem sustentável da soja e a preservação do meio ambiente

O Soja Plus é um programa de melhoria contínua da propriedade rural, oferecido sem custos ao produtor. Tem como objetivos contribuir para a conservação dos recursos naturais, ter governança e segurança jurídica nas atividades produtivas e promover o bem estar social de trabalhadores, produtores rurais e comunidades locais.

O Programa promove capacitações ao produtor rural, através de cursos sobre saúde e segurança no trabalho, legislação trabalhista e ambiental,

adequação de construções rurais, melhores práticas agrícolas, entre outros temas de importância. Os coordenadores do Soja Plus distribuem placas de sinalização, blocos de controle de EPI e documentos, manuais sobre construções rurais e novo código florestal, vídeos técnicos, check list orientativo, dentre outros materiais. Também oferece assessoria para orientar os produtores rurais e gerentes no seu processo de adequação legal.

No mês de junho será realizado um seminário em Luís Eduardo Magalhães com a finalidade de apresentar o programa e as experiências deste no estado do Mato Grosso, juntamente com discussões sobre adequações na área ambiental. Para o mês de julho, serão implementadas ações em campo por assessores do programa para avaliar pontos de adequações nas propriedades. Para mais informações e/ou inscrição no programa, os sojicultores associados da Aiba podem manter contato com a entidade através do aiba@aiba.org.br ou (77) 3613-8000.*

Parceria

FUNDAÇÃO BA

Embrapa

Sementeiras

PONTO
SEMENTES
62 3481-1090

morinaga
sementes
61 3361-9929

LAGOA CLARA
AGRICOLA
77 3611-6184

da **ASCOM/ABAPA**

Faltando menos de um mês para iniciar a colheita de algodão, o Laboratório de Análises de Fibras da Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa), se prepara para receber as amostras para análise da qualidade do algodão baiano. “A previsão é de analisar cerca de 1,3 milhão de amostras de HVI, e 250 mil visual”, afirma o coordenador do Laboratório, Sérgio Brentano, que também ressalta a preparação para esta safra. “Para a safra 2014-2015, investimos em tecnologia de ponta, capacitações e já iniciamos o processo seletivo para contratação de aproximadamente 50 colaboradores temporários”, afirmou.

Com o objetivo de agilizar o prazo de entrega dos resultados de Instrumento de Alto Volume (HVI), a Abapa, com o apoio do Instituto Brasileiro do Algodão (IBA), implantou o Sistema de Condicionamento Rápido (SCR), que garantirá os resultados em até 24 horas após o recebimento das amostras. A tecnologia inovadora permite ao laboratório climatizar as amostras dentro de 20 minutos, anteriormente, esse processo demorava de 24 a 48 horas, e o resultado só saía em média 84 horas depois.

Para o presidente da Abapa, Celestino Zanella, “essas melhorias possibilitarão agilidade, presteza e uniformidade, para que os produtores possam avaliar as suas variedades de algodão em pluma, dando oportunidade de repassar aos compradores os resultados das análises ‘just in time’”, ressaltou o presidente.

O condicionamento rápido das amostras está sendo sistematicamente utilizado em grandes unidades de classificação principalmente nos Estados Unidos, onde o Departamento de Agricultura, instalou o sistema em todos os laboratórios de classificação do país desde o final da década 90. “Esse sistema permitirá ao produtor a realização do emblocamento por características intrínsecas da fibra, fornecendo aos seus clientes um algodão selecionado e mais uniforme,

Novo sistema do laboratório da Abapa agiliza análise de fibras

COM A NOVA TECNOLOGIA É POSSÍVEL CLIMATIZAR AS AMOSTRAS EM 20 MINUTOS E APRESENTAR OS RESULTADOS EM ATÉ 24 HORAS. ANTES, SE ESPERA EM MÉDIA 84 HORAS



NESSA SAFRA
Coordenador do laboratório estima que 1,3 milhão de amostras devem ser analisadas nesse período

podendo agregar valor ao seu produto”, explica Sérgio.

Atualmente, o Laboratório da Abapa, passa pelo processo de credenciamento junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), ficando apto a atender as classificações deste órgão, e elevando ainda mais a credibilidade em seus resultados divulgados.

Resultados

A análise de fibra é uma prática que tem impacto direto no valor comercial do algodão e consequentemente no resultado financeiro do produtor. Nesse contexto, a classificação instrumental (HVI) possibilita ao produtor selecionar sua fibra por parâmetros de qualidade diferenciados e agregar valor, oferecendo a seus clientes, as diversas opções de sua produção.

O maior do Brasil

Com capacidade para receber 25 mil amostras por dia, atualmente, o Laboratório de Análises de Fibras da unidade localizada em na cidade de Luis Eduardo Magalhães, é considerado o maior do Brasil. A Abapa possui laboratórios de análise de fibras nas unidades, de Luís Eduardo Magalhães e Roda Velha, os Laboratórios contam com equipamentos de HVI de última geração, infraestrutura moderna, seguindo os padrões exigidos internacionalmente e composta por profissionais qualificados para a gestão e realização dos ensaios que identificam as características intrínsecas para a classificação.

Nas últimas quatro rodadas de teste realizadas pelo CSITC (Padronização Comercial dos Instrumentos de Testes de Algodão), os equipamentos dos laboratórios ficaram sempre entre os 10 melhores do mundo, muito acima da média.

Além de toda estrutura para a análise instrumental, a Abapa também possui duas salas para classificação visual, sendo uma na unidade de Luís Eduardo Magalhães e outra na unidade de Guanambi, ambas em conformidade com as normas nacionais e convênio com órgão público do estado, ao qual fornece profissionais credenciados pelo MAPA, atestando as classificações realizadas.

Os Laboratórios de Análises de Fibras da Abapa, conta com recursos provenientes do Instituto Brasileiro do Algodão (IBA) e do Fundo para o Desenvolvimento do Agronegócio do Algodão (Fundagro).*

ASCOM/FUNDEAGRO



Governo impulsiona a cultura da pluma

PROGRAMA DE INCENTIVO À CULTURA DO ALGODÃO (PROALBA) FORTALECE A CADEIA PRODUTIVA NA REGIÃO E GERA RESULTADOS POSITIVOS PARA A ECONOMIA ESTADUAL

da **REDAÇÃO**

O atual cenário da cotonicultura no Oeste tem importante participação do Fundo para Desenvolvimento do Agronegócio do Algodão (Fundagro). O crescimento exponencial da área de plantação fez da região a segunda maior produtora do país. Apesar de nesta safra 2014/15 ter sido cultivado 290 mil hectares de algodão na Bahia, a área do Estado saiu de pouco mais dos 56,6 mil ha na safra 2001/02 e atingiu 418,2 mil ha na 2011/2012, dos quais 387,1 mil ha em sequeiro e 31,08 ha em irrigação. Desde a sua criação, o Fundagro vem implantando significativas melhorias em toda a cadeia produtiva, com participação na qualificação e

especialização de pessoas para o mercado de trabalho e inclusão social. Em parceria com o governo do Estado, desenvolve ações do Programa de Incentivo à Cultura do Algodão (Proalba). O programa foi instituído para gerir os recursos arrecadados do ICMS, incidentes sobre a comercialização do algodão produzido na Bahia.

O Proalba foi implantado em 2001, de acordo com a Lei 7.932/01 e Decreto Regulamentador 8.064, que garante por parte do governo estadual o absoluto apoio aos empreendimentos relacionados à cadeia do agronegócio do algodão, estímulo às ações de pesquisa, transferência de tecnologia, defesa fitossanitária, marketing e estruturação da cotonicultura na Bahia, além da realização de projetos sociais e ambiental. Para o produtor ter acesso aos benefícios do programa ele precisa ceder

NA BAHIA

O programa atua em diversas regiões do Estado, principalmente no Oeste e Sudoeste. Na foto, incentivo à produção de Algodão no município de Brumado

um percentual do seu ICMS.

Os recursos do Fundagro são investidos nas áreas de concentração de pesquisa agrícola, validação e difusão de tecnologia com abrangência para toda a cadeia produtiva e mercadológica do algodão; treinamento e capacitação de mão de obra, além de promoção de eventos técnico da cotonicultura; defesa fitossanitária integrada e sistêmica, com ênfase em medidas profiláticas na cultura de algodão; monitoramento ambiental; promoção do agronegócio do algodão, com estratégia nacional e internacional e, outros vinculados ao Proalba.

O Fundagro também atua no financiamento e implantação do projeto Piloto de Irrigação desenvolvido pela EBDA e Embrapa, que deve beneficiar centenas de pequenos produtores na região Sudoeste. Muitos já recebem assistência de programas da ABAPA e ADAB. Em parceria com a Embrapa Algodão e **Fundação Bahia**, desenvolve também importantes projetos na área de melhoramento genético, visando a sustentabilidade da cotonicultura.

Devido aos resultados positivos na região e economia estadual - notável crescimento da área plantada, incremento da produção e produtividade, modernização tecnológica, melhorias constantes dos índices de qualidade que promovem maior desenvolvimento para o Estado e consequentemente melhoria nos níveis de renda e empregabilidade; no dia 15 de abril deste ano, o presidente do Fundagro, Celestino Zanella, solicitou ao governador da Bahia, Ruy Costa, a renovação do Proalba por mais quatro anos, de 2015 a 2018.

Os recursos do Proalba, que têm viabilizado a manutenção de programas de controle fitossanitário em combate ao bicudo e à helicoverpa armígera, com os valores do exercício 2015/16 vão garantir a continuidade da transferência de tecnologia, empregabilidade e financiamento de projetos que visam a melhoria do setor produtivo agrícola.*

Manejo integrado de pragas do feijoeiro



por **FLÁVIA RABELO BARBOSA e ELIANE D. QUINTELA**

Engenheira agrônoma, doutora e entomologista da Embrapa Arroz e Feijão.



Engenheira agrônoma, Ph.D e entomologista da Embrapa Arroz e Feijão (Santo Antônio de Goiás)

O agroecossistema do Cerrado é um ambiente favorável à multiplicação de pragas, pois prevalece um sistema de produção de rotação e sucessão de diversas culturas, em cultivos irrigados ou não, muitas vezes, integrados a sistemas pecuários. Algumas espécies de pragas ocorrem nesses diferentes cultivos, pois existem hospedeiros durante o ano todo, além das condições climáticas ideais para multiplicação destes artrópodes. Desequilíbrios populacionais de lagartas e da mosca-branca têm sido observados, causando sérios prejuízos econômicos em diversos cultivos, incluindo o feijoeiro.

Para proteger a biodiversidade, uma filosofia de controle de pragas surgiu no Brasil, na década de 70, o Manejo Integrado de Pragas (MIP). Contudo, mesmo com o desenvolvimento desse sistema que minimiza a utilização de inseticidas químicos, atualmente, no cerrado brasileiro, todas as culturas são alvo de aplicações inadequadas de inseticidas, levando à seleção de insetos resistentes e aparecimento de novas pragas, antes controladas satisfatoriamente por seus inimigos naturais. Esse fato tem aumentado o custo de produção, a exposição do produtor a esses produtos e a contaminação dos alimentos e do meio ambiente.

Com o aumento da consciência social em relação à qualidade ambiental, os mercados consumidores, interno e externo, vêm se tomando, cada vez mais, exigentes, no que concerne ao atendimento de padrões de qualidade dos produtos e do ambiente sócio-físico da produção. Tecnologias que promovam a sustentabilidade dos sistemas de produção de alimentos, diminuindo ou eliminando o uso de agrotóxicos, com consequente redução nos custos de produção e no impacto ambiental da

cadeia produtiva, contribuem para agregar valor ao produto e aumentar sua competitividade no mercado.

Passos para a realização do MIP-feijão

Para que a amostragem das pragas seja realizada com eficiência, é imprescindível o conhecimento dos insetos, bem como, de seus danos. Por ocasião do monitoramento das pragas, faz-se também necessário o monitoramento dos seus inimigos naturais, por sua importância no controle biológico.

Forma de caminharmento na lavoura e número de amostragens

Em ziguezague, de forma que toda a lavoura seja percorrida. Em lavouras de até 5 ha: 4 amostragens; até 10 ha: 6 amostragens; até 30 ha: 8 amostragens; até 100 ha: 10 amostragens. No caso de áreas maioresque 100 ha, deverão ser subdivididas.

Amostragem antes da instalação da lavoura

Devem ser realizadas amostragens, para avaliar a presença de pragas do solo(1 m de largurax 1 m de comprimento x 5 cm de profundidade). Seconstatada a presença de mais de uma lagartacom mais de 1,5 cm/ponto de amostragem(elasmo, rosca, cartucho,corós ou gorgulhos do solo), esperar dez dias para asemeadura (período em que as lagartas empupam),realizar tratamento de sementes e aumentar oestande de plantas.



Da emergência até o estágio de 3 a 4 folhas trifolioladas

Proceder a marcação de 2 m na linha de plantio/ponto de amostragem. Fazer o monitoramento para cada praga ou dano, observando:

- número de plantas mortas (pragas de solo);
- número de insetos ou sintomas de ataque nas plantas/ponto de amostragem. As faces superior e inferior da folha devem ser viradas lentamente, para que os insetosnão sejam dispersados;
- para pragas desfolhadoras, observar o nível de desfolha (amostra visual), em área de raio igual a 5 m, centrada no ponto de amostragem;

Tabela 1 - Período de maior probabilidade de ocorrência e nível de ação para as pragas do feijoeiro		
Praga ou Dano	Período de maior probabilidade de ocorrência	Nível de ação
Lagartas redutoras de estande de plantas	Na germinação	2 plantas cortadas ou com sintomas de murcha, em 2 m de linha.
Lesmas e caracóis	Todos os estágios de desenvolvimento.	1 lesma ou caracol por m²
Larva-minadora (<i>Liriomyzahuilobrensis</i>)	Na fase vegetativa	Uma a duas larvas vivas/folha trifoliolada. Não considerar folhas primárias na amostragem.
Vaquinhas (<i>Diabrotica speciosa</i> ; <i>Ceratomy arcuata</i>)	Até a formação das vagens	20 insetos/pano (2 m de linha) ou 50% de desfolha de folhas primárias ou 30% de desfolha antes da floração ou 15% de desfolha após a floração.
<i>Helicoverpa</i> spp, <i>Heliothis virescens</i>	Antes da floração Após a floração	4 lagartas/pano ou 30% de desfolha 2 lagartas/pano ou 15% de desfolha ou 10% de vagens danificadas
<i>Spodoptera</i> spp, lagarta falsa medideira, <i>Chrysodeixis</i> (=Pseudoplusia) <i>includens</i>	Antes da floração Após a floração	10 lagartas/pano ou 30% de desfolha 10 lagartas/pano ou 15% de desfolha ou 10% de vagens danificadas
Lagarta enroladeira das folhas (<i>Omiodes indicata</i>)	Todos os estágios	30% de plantas com ponteiros atacados; 30% de folhas enroladas antes da floração e 15% de folhas enroladas após floração
Broca das axilas (<i>Crociodosema aporema</i>) e	Todos os estágios	30% de plantas com ponteiros atacados
Cigarrinha verde (<i>Empoasca kraemer</i>)	Até a floração	40 ninfas por pano ou em 2 metros de linha.
Tripes (várias espécies)	Até a floração	50 tripes em um metro; três tripes por flor.
Ácaro branco e ácaro rajado	Até a formação das vagens.	4 plantas com sintomas e/ou presença dos ácaros em 2 m de linha.
Percevejos (várias espécies)	Formação das vagens até a maturação fisiológica.	2 percevejos por pano e/ou 5 percevejos em dez redadas.

FONTE: QUINTELA E BARBOSA (2015)



- número de larvas minadora vivas/10 folhas trifolioladas/ponto de amostragem. Não considerar o ataque nas folhas primárias;
- número de tripes em um metro de linha/ponto de amostragem. Efetuar duas bateduras das plantas, em placa branca (0,5 x 0,5 m)/ponto;
- número de lesmas/caracóis por m2/ponto de amostragem;

Após o estágio de 3 a 4 folhas trifolioladas

Realizar amostragens com pano de batida branco (1 m de comprimento por 0,5 m de largura), com suportes laterais. O pano deve ser inserido cuidadosamente entre duas fileiras de plantas, para não perturbar os insetos e os inimigos naturais presentes. As plantas devem ser batidas vigorosamente, para deslocar os insetos e inimigos naturais.

- Amostragens da broca das axilas (*Crociodosema aporema*) e da lagarta-enroladeira (*Omiodes indicata*): deve-se afastar as plantas presentes na área do pano de batida e observar as lagartas nas axilas dos brotos terminais e nas folhas novas, pois, não caem no pano.
- Amostragem da mosca-branca: próximo a cada ponto de amostragem, verificar o número de adultos presentes em 10 folhas trifolioladas, localizadas no terço superior das plantas. A face inferior da folha deve ser virada lentamente para não dispersar os adultos.
- Nessa fase, também deve ser observado o nível de desfolha e realizada a amostragem de tripes, lesmas e larvas minadoras, como descrito anteriormente.

No estágio de florescimento e de formação de vagens

As amostragens devem serdirecionadas principalmente para tripes nas flores,percevejos e lagartas-das-vagens, utilizando-se opano de batida e a rede entomológica, para o percevejo-manchador-do-grão (*Neomegalotomus parvus*).

- Verificar a presença de lagartas e/ou seus danos em vagens na área do pano de batida.
- Nessa fase, também deve ser observado o número de: plantas com ataque do ácaro rajado, de tripes em 25 flores/ponto de amostragem e, também, amostradas a broca das axilas, *Helicoverpa*, lagarta das folhas, e a larva minadora.

Nível de ação e controle das pragas

Os níveis de ação ou de controle das pragas estão na Tabela 1. Quando atingidos, deve-se utilizar produtos registrados no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, para as pragas do feijoeiro (AGROFIT: http://extranet.agricultura.gov.br/agrofit_cons/principal_agrofit_cons).

Maiores detalhes do MIP-Feijão e a ficha de levantamento de campo, onde os resultados das amostragens deverão ser registrados, poderão ser encontrados na página da Embrapa Arroz e Feijão (www.embrapa.br/arroz-e-feijao). ➔

Bibliografias consultadas

QUINTELA, E. D.; BARBOSA, F. R. Manejo de pragas. In: Feijão: do plantio à colheita. CARNEIRO, J. E. de S, PAULA JÚNIOR, T. J. de , BORÉM, A. (Eds.) Viçosa: Ed. UFV, 2015. 242-269 p.

QUINTELA, E. D.; SARTORATO, A.; LOBO JÚNIOR, M.; COBUCCI, T. Manejo fitossanitário do feijoeiro. Santo Antônio de Goiás: Embrapa Arroz e Feijoeiro, 2005. 16 p. (Embrapa Arroz e Feijoeiro. Circular técnica, 73).

QUINTELA, E. D. Manejo integrado de pragas do feijoeiro. Santo Antônio de Goiás: Embrapa Arroz e Feijoeiro, 2001. 28 p. (Embrapa Arroz e Feijoeiro. Circular técnica, 46).

milho

Clima e pacotes de troca provocam recorde de área e produção na safrinha

As expectativas para a safrinha 2015 criaram um ambiente potencialmente mais ajustado para o ano comercial, dependendo do perfil das exportações. Em março, Safras & Mercado havia elevado as suas projeções de produção para a segunda safra. O clima ao longo do final de fevereiro e março, juntamente com os pacotes de troca bastante agressivos na venda promoveram um salto no plantio. Estados que vinham apontando plena inviabilidade do plantio de milho, como o Mato Grosso e mais uma vez apontando para fortes retrações de área, vão fechando com expressivas elevações de plantio. Assim, a área plantada com safrinha salta para expressivos 9,33 milhões de hectares, 17,1% acima de 2014. A produção com esta área plantada e com o clima praticamente perfeito

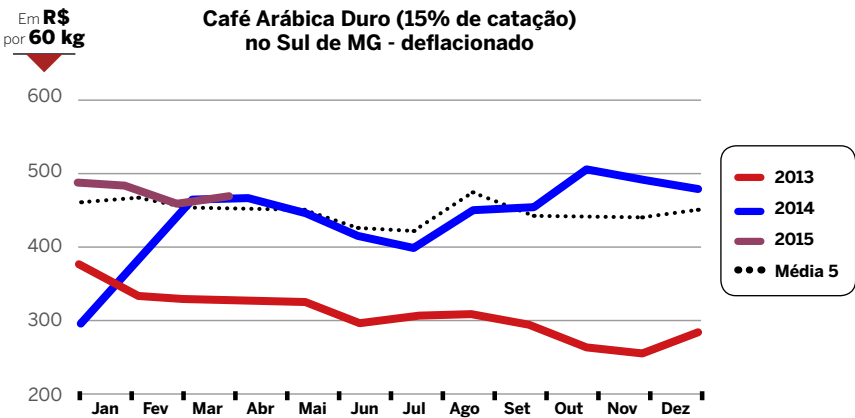
café

Exportações em 2015 têm aumento de 4,1%, diz Cecafé

Somando os três primeiros meses de 2015, janeiro a março, os embarques brasileiros totais de café chegam a 8,842 milhões de sacas de 60 quilos, com aumento de 4,1% no comparativo com o mesmo intervalo de 2014 (8.492.913 sacas). A receita chega a US\$ 1,694 bilhão no acumulado dos três primeiros meses de 2015, incremento de 36,4% contra o mesmo período de 2014 (US\$ 1,242 bilhão). As informações partem do balanço mensal do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé).

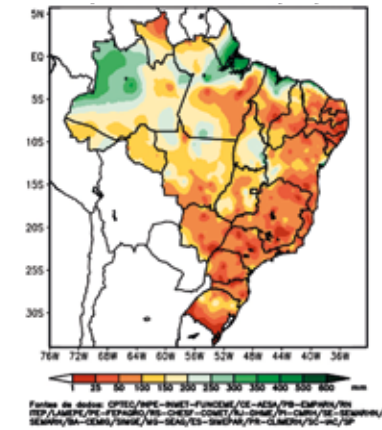
até aqui salta para inesperadas 52,78 milhões de toneladas. Esse volume de produção revela que não bastará embarcarmos o mesmo volume de 2014 na exportação. Precisaremos atingir novo recorde de embarques.

O primeiro ponto a ser considerado é que o clima entre fevereiro e março foi bastante generoso com as chuvas em todo o Centro-Sul. As condições de colheita da soja e o imediato plantio da safrinha foram, em geral, aceitáveis perto das condições climáticas que registramos em janeiro. Alguns pontos trouxeram uma dificuldade maior, como no Norte do Mato Grosso devido ao excesso de chuvas. Em geral, uma safrinha bem plantada e que gerou um ótimo desenvolvimento em março, quando as chuvas continuaram regulares em todas as regiões. Aluns pontos do Norte do Paraná e Sul do Mato Grosso do Sul chegaram a ter dificuldades com umidade em março e início de abril. Porém, as chuvas de abril têm sido perfeitas e saneado as lavouras de forma homogênea. Com as chuvas de março, muitos produtores podem ter elevado as suas expectativas a respeito das chances de plantio e decidiram por cultivar um percentual maior de área em relação à expectativa inicial.



As exportações totais brasileiras de café (verde e industrializado) no acumulado dos nove primeiros meses da temporada 2014/15, de julho de 2014 a março de 2015, chegam a 27,675 milhões de sacas de 60 quilos, tendo aumento de 10,5% no comparativo com igual período

Precipitação acumulada até 29/04



O segundo ponto é o fator de incentivo final a este plantio. Os pacotes de troca foram bastante generosos entre o final de fevereiro e março. Com chuva e opção de pacotes de troca favoráveis à consolidação de uma decisão em plantar mais foi menos difícil. A questão é que não se poderia definir isso antes em função de que dependeria puramente da decisão imediata dos produtores em aceitar ou não a condição do momento. E o que vimos nos dados recolhidos em abril é de que os produtores aceitaram plenamente as condições de clima + pacotes de troca registrados em março e aumentaram o plantio de safrinha em relação à sua estimativa inicial.

da temporada 2013/14, quando os embarques foram de 25,042 milhões de sacas. A receita com estas exportações de julho a março foi de US\$ 5,391 bilhões, com aumento de 45,8% no comparativo com igual período da temporada 2013/14 (US\$ 3,698 bilhões).

safr

safr 2014/15

Produção de soja no país deve entrar para história

A produção brasileira de soja em 2014/15 deverá totalizar 94,408 milhões de toneladas, com aumento de 9% sobre a safra da temporada anterior, que ficou em 86,623 milhões de toneladas. No relatório anterior, divulgado no final de janeiro, a estimativa era de 95,02 milhões de toneladas.

Com a colheita sinalizada, SAFRAS indica aumento de 5% na área, que ficaria em 31,525 milhões de hectares. Em 2013/14, o plantio ocupou 29,917 milhões de hectares. O levantamento indica que a produtividade média deverá passar de 2.898 quilos por hectare

para 3.010 quilos, com elevação de 3,8%. O Mato Grosso deverá colher 27,763 milhões de toneladas, com um aumento de 5% sobre a temporada anterior. A safra do Paraná está estimada em 17,337 milhões de toneladas, superando em 17% a produção obtida em 2013/14. No Rio Grande do Sul, a previsão é de uma elevação de 13%, totalizando 15,108 milhões de toneladas.

A produção baiana deve crescer 22%, totalizando 3,78 milhões de toneladas. A área no estado subiu 5%, ocupando 1,35 milhão de hectares.

PRODUÇÃO DE SOJA - BRASIL - SAFRA 2014/15										
Área em mil ha, Produção em mil t e rendimento em kg/ha										
Estados	%		2014/15 **				2013/14 *			
	A/B %	C/D %	Área a Plantar (A)	Área a Colher	Produção (C)	R.M.	Área Plantada (B)	Área Colhida (D)	Produção (D)	R.M.
SUL	5	15	11.080	11.025	34.415	3.122	10.585	10.585	29.987	2.833
Paraná	5	17	5.280	5.254	17.337	3.300	5.030	5.030	14.839	2.950
Rio Grande do Sul	4	13	5.200	5.174	15.108	2.920	5.000	5.000	13.400	2.680
Santa Catarina	8	13	600	597	1.970	3.300	555	555	1.748	3.150
CENTRO-OESTE	5	5	14.402	14.330	43.302	3.022	13.680	13.660	41.406	3.031
Mato Grosso	5	5	8.830	8.786	27.763	3.160	8.400	8.380	26.397	3.150
Goiás	5	-3	3.250	3.234	8.569	2.650	3.090	3.090	8.807	2.850
Mato Grosso do Sul	6	13	2.250	2.239	6.761	3.020	2.120	2.120	5.978	2.820
Distrito Federal	3	-7	72	72	208	2.900	70	70	224	3.200
SUDESTE	6	9	2.085	2.075	5.561	2.680	1.965	1.955	5.099	2.608
Minas Gerais	8	3	1.350	1.343	3.425	2.550	1.245	1.235	3.335	2.700
São Paulo	2	21	735	731	2.135	2.920	720	720	1.764	2.450
NORDESTE	5	11	2.700	2.687	7.483	2.786	2.575	2.575	6.764	2.627
BAHIA	5	22	1.350	1.343	3.788	2.820	1.290	1.290	3.096	2.400
Maranhão	5	-3	690	687	1.922	2.800	660	660	1.980	3.000
Piauí	6	5	660	657	1.773	2.700	625	625	1.688	2.700
NORTE	13	8	1.258	1.252	3.647	2.914	1.112	1.112	3.368	3.029
Tocantins	14	7	730	726	2.048	2.820	640	640	1.920	3.000
Rondônia	16	15	220	219	679	3.100	190	190	589	3.100
Rondônia	16	15	220	219	679	3.100	190	190	589	3.100
Roraima	22	22	22	22	68	3.100	18	18	56	3.100
Pará	8	6	270	269	806	3.000	250	250	763	3.050
Amazonas	14	14	16	16	46	2.900	14	14	41	2.900
BRASIL	5	9	31.525	31.367	94.408	3.010	29.917	29.887	86.623	2.898

(*)PROJEÇÃO, SAFRAS. (**) PREVISÃO, SAFRAS. SUJEITAS A REVISÃO. FONTE: SAFRAS E MERCADO MARÇO/2015



algodão

Preços sobem no mercado brasileiro

Nos primeiros quatro meses do ano, os preços do algodão vêm em trajetória ascendente nas principais praças do país, sinalizando condições de incentivo ao plantio na próxima temporada. A arroba no mercado Cif de São Paulo pulou de R\$ 55,80 no começo do ano para R\$ 70,40 no final de abril.

A alta é consequência da falta de produto de qualidade no mercado. Recentemente, esta ausência de oferta retirou liquidez do mercado, mas manteve os preços em patamares elevados no Brasil. Os preços também sobem no mercado internacional, por conta do bom ritmo das exportações americanas.

Em relação à produção brasileira, a safra brasileira de algodão em pluma na temporada 2014/15 está estimada em 1,509 milhão de toneladas, recuo de 12,8% na comparação com as 1,734 milhão de toneladas indicadas na safra 2013/14.

A Bahia, segundo maior produtor de algodão, deve colher 445,1 mil toneladas de algodão em pluma, retração de 7,9% sobre 2013/14 (483,3 mil toneladas). Goiás deverá ter uma safra 2014/15 de 53,7 mil toneladas, com decréscimo de 35,3% sobre 2013/14, que foi de 83 mil toneladas.

FOTOS: CÁTIA DÖRR/ JÚNIOR FERRARI



Documentário retrata dia a dia de artesãs do cerrado

DIRIGIDO PELO PRODUTOR CARLOS ADELINO E PELA JORNALISTA CÁTIA ANDREIA, CURTA SE DEBRUÇA SOBRE A DIFÍCIL REALIDADE DE MULHERES QUE TENTAM MANTER VIVO PROJETO DE ECONOMIA CRIATIVA E SUSTENTÁVEL

por **REDAÇÃO**

Em Luís Eduardo Magalhães, o trabalho desenvolvido há 10 anos pelas artesãs da Associação Caliandra no Assentamento Rio de Ondas na produção artesanal de biojóias ganhou o mundo, e em 2014 virou documentário. “Artesãs do Cerrado” retrata o dia a dia de um grupo de mulheres que utiliza sementes nativas do cerrado, como o buriti e buritirana, até mesmo o capim dourado, na confecção de acessórios femininos e peças decorativas. O trabalho não é nada fácil. Inicia nas veredas, an-

tes mesmo do sol nascer, na busca das melhores matérias-primas, e segue ao longo do dia na sede da Associação, com o polimento e o tingimento de sementes, e por fim muita criatividade na hora de montar as peças, cada uma com um design diferente.

Dirigido pelo produtor de vídeo, Carlos Adelino Loiola Rosa e pela jornalista, Cátia Andreia Dörr, roteirista do curta-metragem, o documentário também revela as dificuldades que o grupo enfrenta para manter a sustentabilidade do projeto, tanto com a escassez de matéria-prima oriundas de queimadas nas veredas, bem como a própria comercialização das peças no comércio local.

JUSTÍSSIMO

O produtor Carlos Adelino ao lado das artesãs da Associação Caliandra, no Assentamento Rio de Ondas. Elas produzem biojóias com sementes nativas e capim dourado

“Quando iniciamos a produzir esse documentário, a ideia era mostrar a beleza do trabalho desenvolvido pelas artesãs, mas para nossa surpresa descobrimos o quanto está sendo penoso manter o projeto”, explica Carlos. Hoje o principal ganho das artesãs está nas vendas em feiras estaduais e interestaduais e em pequenas encomendas para fora do país.

“Artesãs do Cerrado” é um curta documental com duração de 10 minutos, de produção independente e 100% regional, pois segundo eles, destaca o modo de vida local e valoriza a cultura do oeste da Bahia, inclusive com trilha sonora do barreirense, Martiniano Silva de Carvalho, da Banda Nau de Papel.

EXIBIÇÕES

Em uma iniciativa com instituições ligadas a causa, o trabalho das artesãs ganhou mais visibilidade na comunidade local e regional, que desconheciam o projeto. Durante dois meses (setembro e outubro) o curta esteve em cartaz no cineteatro do Centro de Artes e Esportes Unificados (CEUs) Patrícia Regina Lauck de Souza de Luís Eduardo Magalhães, com exposições semanais para alunos da rede municipal de ensino e EJA (Educação de Jovens e Adultos); além de exposições no Dia do Cerrado - 11 de setembro -, e na primeira edição Festival de Gastronomia e Cultura do Oeste da Bahia, promovido em outubro passado no município.

Em Barreiras, as exposições aconteceram no Sesc, durante as atividades do projeto “Escola e Família: uma parceria sucesso”, o qual incentiva a geração de renda e no primeiro Festival de Audiovisual da região Oeste promovido pela Faculdade São Francisco de Barreiras (Fasb). Em novembro passado, “Artesãs do Cerrado” participou da 12ª edição do Fest Cineamazonia – Festival Latino Americano de Cinema e Vídeo Ambiental, realizado em Porto Velho, Rondônia. *



A união faz a nossa fibra

Nesses 15 anos de história, a Abapa vem contribuindo para o estado da Bahia ser referência na cotonicultura, tornando o algodão baiano conhecido nos mercados nacional e internacional de forma sustentável e integrada.

Nossa missão para os próximos anos é dar continuidade a essa história de sucesso, que supera desafios em prol do desenvolvimento da cadeia produtiva do algodão.



www.abapa.com.br

AGENDA RURAL

Programe-se! Divulgue seu evento aqui.

Bio Brazil Fair | Biofach America Latina



Com o desenhar de um novo cenário no agronegócio através do comprometimento ambiental da sociedade, o aumento de consumidores exigentes e conscientes e a necessidade de matérias primas e insumos

orgânicos é cada vez mais discutida e ampliada. Nesse sentido, de **10 a 13 de junho** acontece mais uma edição da Bio Brazil Fair / Biofach America Latina. A 11ª edição do evento mais importante da América Latina acontece na cidade de São Paulo.

PECNORDESTE



A 19ª edição da Feira de Produtos e Serviços Agropecuários já tem data marcada: de **16 a 18 de junho**. O evento tem como destaque a realização de uma extensa programação técnico-científica de capacitação

com a presença dos segmentos da Apicultura, Aquicultura e Pesca, Avicultura, Bovinocultura de Leite, Caprinovinocultura, Equinocultura e da Suinocultura, além das atividades não agrícolas no meio rural, como o Artesanato e o Turismo no Espaço Rural e Natural. A PECNORDESTE acontece no Centro de Eventos do Ceará, em Fortaleza.

II Congresso Florestal no Cerrado e IV Simpósio de Eucaliptocultura



Palestrantes de renome no cenário técnico-científico florestal e autoridades importantes no cenário das políticas florestais do país já estão confirmados na 2ª edição do Congresso Florestal no Cerrado (CFC), que acontece de **10 a 12 de junho** em Goiânia. A capital goiana sediará também o IV Simpósio de Eucaliptocultura. Ambos os eventos são voltados para a recomposição da natureza em áreas do bioma Cerrado e para o fornecimento de matéria-prima sustentável, a partir de florestas plantadas.

EXPOTRÊS

De **14 a 23 de junho** acontece no Mato Grosso do Sul, a 38ª ExpoTrês – Exposição Agropecuária de Três Lagoas. A feira, realizada através do sindicato rural da cidade, conta com leilões, julgamentos, exposição de animais, veículos, maquinários, implementos e exposição de indústrias no setor de eucalypto.

ExpoBento



Considerada a maior feira multisetorial do Brasil, a ExpoBento acontece de **4 a 14 de julho**. O evento que conta com desfiles, salão automotivo, encontro de hot rods, shows, empresas dos setores de indústria, comércio e serviços será realizado pela 25ª vez na cidade de Bento do Sul no Rio Grande do Sul. foto

24º Enflor e 12º Garden Fair

O Pavilhão de Exposições da Expoflora em Holambra (SP) será palco de mais uma edição do Encontro Nacional de Floristas, Atacadistas e Empresas de Acessórios (Enflor), do dia **12 a 14 de julho**. O evento reúne floristas, artistas florais, decoradores e varejistas de todo o país. Na data também será realizada a Feira de Tecnologia em Jardinagem e Paisagismo, destinada a paisagistas, arquitetos, decoradores de áreas externas e empreendedores.

Brasil Brau



O maior evento profissional da indústria cervejeira no país está previsto para acontecer de **15 a 17 de julho** na cidade de São Paulo. A Feira Internacional de Tecnologia em Cerveja já se consolidou como um encontro imperdível para todo o setor. Em paralelo, acontece também o Congresso Brasileiro de Ciência e Tecnologia Cervejeira, que reúne profissionais de renome, atuantes no mercado nacional e internacional.

Curso de Análise Fundamental e Mercadológica de ALGODÃO

Dia 11 de Junho de 2015
Barreiras, BA

Inscreva-se já

(51) 3290-9200 / (51) 3290-9231

eventos@safras.com.br

www.safras.com.br



aiba
RURAL

A revista do agronegócio da Bahia

Anuncie: ☎ (77) 3613.8000 ✉ aiba@aiba.org.br

ANIVERSÁRIO
DA CIDADE



Luís Eduardo Magalhães comemora quinze anos de emancipação com muito a festejar. Somos a maior economia do Oeste da Bahia e o oitavo PIB do Estado. Nosso agronegócio continua pujante. Nossa matriz econômica se expande com o fortalecimento do comércio, instalação de indústrias, a construção civil e a prestação de serviços. Nossa qualidade de vida avançou, os investimentos sociais estão presentes em todo o município: novas creches, escolas climatizadas, novas unidades de saúde, habitações populares e projetos de geração de renda. Nossa infraestrutura deu um grande salto: novas praças, duplicação da travessia urbana (BR 020/242), ordenamento do trânsito urbano, amplo programa de pavimentação e de iluminação pública. Tudo feito com muito planejamento e cuidado, pensando no hoje e focando no amanhã.

AQUI A GENTE FAZ
ACONTECER

